

**CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO**  
**ANDREW JUMPER**

Rodrigo Geraldo da Silva

**A PREGAÇÃO BÍBLICA COMO MEIO DE GRAÇA**

**São Paulo**

**2022**

CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ANDREW JUMPER

Rodrigo Geraldo da Silva

**A PREGAÇÃO BÍBLICA COMO MEIO DE GRAÇA**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis, MDiv*, na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Rev. Dr. Daniel Santos Júnior.

**São Paulo**  
**2022**

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie  
com os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

S586p	Silva, Rodrigo Geraldo Da. A Pregação Bíblica Como Meio de Graça: [recurso eletrônico] / Rodrigo Geraldo da Silva. 480 KB;  Monografia (Magister Divinitatis) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023. Orientador (a): Prof(a). Dr (a). Daniel Santos Júnior. Referências Bibliográficas: f. 67-70.  1. Pregação. 2. Palavra De Deus. 3. Bíblia. 4. Meio De Graça. 5. Igreja.. I. Santos Júnior, Daniel, <i>orientador (a)</i> . II. Título.
-------	---

Bibliotecário (a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Rodrigo Geraldo da Silva

## **A PREGAÇÃO BÍBLICA COMO MEIO DE GRAÇA**

Monografia apresentada ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper – CPAJ, como requisito parcial para obtenção do título de *Magister Divinitatis*, (*MDiv*) na área de Estudos Pastorais. Orientador Professor Rev. Dr. Daniel Santos Júnior.

Aprovação 25/11/2022

Orientador: Professor: Rev. Dr. Daniel Santos Júnior

## Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: **Rodrigo Geraldo da Silva**

Programa: Magister Divinitatis MDiv em Estudos Pastorais

Título do Trabalho: A Pregação Bíblica Como Meio de Graça

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

À minha amada esposa Luciana e meu filho Enzo,  
pelo companheirismo e constante incentivo; aos  
meus familiares pelas orações e à 2ª Igreja Presbite-  
riana de Nova Venécia/ES pela compreensão e apoio  
e em memória de meus amados, pai e irmão.

## AGRADECIMENTOS

Ao Deus Pai, que me escolheu antes da fundação do mundo, para ser eternamente Seu; a Jesus Cristo, meu amado Senhor, Autor da minha fé, que realizou minha salvação colocando em prática o eterno e imutável Plano do Pai, me proporcionando a vida abundante que hoje tenho em Sua presença; ao Espírito Santo, que aplicou em minha vida os méritos de Cristo, me convencendo do pecado, da justiça e do juízo, convertendo meu coração ao Rei dos Reis e Senhor dos Senhores mediante a pregação do Evangelho, e que a cada dia me ensina como viver para glorificar a Deus e gozá-LO para sempre. A Ti, bendita Trindade, toda honra, toda glória, toda adoração e todo louvor.

A minha amada esposa, Luciana Comitre e Silva e ao nosso filho Enzo, pelo amor, companheirismo, auxílio e incentivo.

Aos meus queridos e amados familiares que sempre me encorajaram a continuar estudando, especialmente à minha mãe e ao meu saudoso pai, que sempre me dizia que “o saber não ocupa lugar”.

De maneira especial, agradeço à minha amada 2ª Igreja Presbiteriana de Nova Venécia/ES, Igreja a qual sirvo como Pastor Efetivo desde 2015. Ao Conselho da Igreja bem como a todos os meus queridos irmãos, a minha gratidão pelo constante apoio e orações.

Aos meus estimados professores e colegas de curso, pastores e mestres, homens de Deus, que trilharam comigo este caminho.

Aos meus mui dignos orientadores, Profº. Rev. Dr. Dario de Araújo Cardoso (Monografia 1) e Rev. Dr. Daniel Santos Júnior (Monografia 2), por suas preciosas orientações, bem como pela paciência e coração pastoral no exercício piedoso da docência.

À Igreja Presbiteriana do Brasil, minha amada denominação, a quem sirvo com alegria e que me proporcionou o privilégio de cursar este mestrado.

Ao Centro Presbiteriano de Pós-graduação Andrew Jumper, pela visão, empreendedorismo e pelo zelo acadêmico, bíblico e teológico.

A todos, o meu carinho e eterna gratidão,

Rev. Rodrigo Geraldo da Silva

Pregação é a exposição pública das Escrituras pelo homem enviado por Deus, na qual o próprio Deus está presente em julgamento e em graça. (João Calvino).



## RESUMO

Os meios de graça são instrumentos pelos quais o Senhor transmite bênçãos especiais ao Seu povo, fortalecendo sua fé, esperança, amor e todas as demais bênçãos referentes à salvação. O crescimento espiritual do crente está intimamente ligado à sua participação nos meios designados por Deus para o alcance deste propósito mediante a ação do Espírito Santo. Em Sua sabedoria, Deus designou para serem os principais meios pelos quais Ele comunica Cristo e Seus benefícios aos crentes, a Palavra, os sacramentos e a oração. O Senhor Jesus aponta que as Escrituras são o meio principal e indispensável da salvação (Lc 16.31; 24.27,44,45). Sabe-se que a pregação da Palavra de Deus era o elemento central no ministério dos apóstolos (At 2.22,41; 4.4; 5.20; 6.7; 12.24; 15.7, 32, 36; 16.14; 19.20; 20.32) e Paulo afirma categoricamente que a fé vem pela pregação da Palavra de Deus (Rm 10.17). É nítido que os apóstolos colocaram a Palavra de Deus no mais alto patamar como o meio de salvação e santificação dos crentes (Cl 3.16; Hb 5.14; Tg 1.18,21,25; 1Pe 2.2), portanto, sua exposição, tal como a Palavra escrita e dramatizada nos sacramentos, constitui num poderoso meio de graça designado e usado pelo Senhor para comunicar bênçãos aos Seus eleitos. Assim como os apóstolos, os reformadores, puritanos e teólogos clássicos, também afirmaram a excelência da Palavra escrita e pregada como meio de graça, apresentando seus requisitos divinos, sua centralidade no ministério pastoral e na adoração cristã, bem como seus propósitos redentores e santificadores para o povo de Deus.

Palavras-chave: Pregação, Palavra de Deus, Bíblia, Escritura, meio de graça, reformadores, puritanos, ministério pastoral, Igreja.

## ABSTRACT

Means of grace are instruments by which the Lord imparts special blessings to His people, strengthening their faith, hope, love, and all other blessings pertaining to salvation. The believer's spiritual growth is closely linked to his participation in God's appointed means for the achievement of this purpose through the action of the Holy Spirit. In His wisdom God designed the Word, sacraments, and prayer to be the principal means by which He communicates Christ and His benefits to believers. The Lord Jesus points out that the Scriptures are the chief and indispensable means of salvation (Lk 16:31; 24:27, 44, 45). It is known that the preaching of the Word of God was the central element in the ministry of the apostles (Act 2.22, 41; 4.4; 5.20; 6.7; 12.24; 15.7, 32, 36; 16.14; 19.20; 20.32) and Paul categorically states that the faith comes by preaching the Word of God (Rm 10:17). It is clear that the apostles placed the Word of God on the highest level as the means of salvation and sanctification of believers (Cl 3.16; Hb 5.14; Jm 1.18,21,25; 1Pe 2:2), therefore, their exposition, like the Word written and dramatized in the sacraments, constitutes a powerful means of grace designed and used by the Lord to communicate blessings to His elect. Like the apostles, reformers, Puritans, and classical theologians, they also affirmed the excellence of the written and preached Word as a means of grace, presenting its divine requirements, its centrality in pastoral ministry and Christian worship, as well as its redemptive and sanctifiers for the people of God.

Keywords: Preaching, Word of God, Bible, Scripture, means of grace, reformers, Puritans, pastoral ministry, Church.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
<b>1 – A AFIRMAÇÃO DA PREGAÇÃO BÍBLICA COMO MEIO DE GRAÇA.....</b>	<b>15</b>
1.1 – A BÍBLIA COMO PALAVRA INSPIRADA DE DEUS.....	18
1.2 – A DOCTRINA REFORMADA DA PREGAÇÃO.....	21
<b>1.2.1 – Martinho Lutero.....</b>	<b>23</b>
<b>1.2.2 – João Calvino.....</b>	<b>24</b>
<b>1.2.3 – Ulrich Zwinglio.....</b>	<b>26</b>
<b>1.2.4 – John Knox.....</b>	<b>27</b>
<b>1.2.5 – Os puritanos.....</b>	<b>28</b>
<b>1.2.6 – A Palavra fielmente pregada é Palavra de Deus.....</b>	<b>30</b>
<b>1.2.7 – A pregação como a principal atividade do ministro e da Igreja.....</b>	<b>33</b>
1.2.7.1 O lugar central da pregação na adoração cristã.....	35
1.2.7.2 A primazia da pregação.....	38
1.2.7.3 A cristocentricidade da pregação.....	41
1.2.7.4 A pregação como marca essencial da Igreja verdadeira.....	45
<b>2 – OS OBJETIVOS DA PREGAÇÃO BÍBLICA.....</b>	<b>47</b>
2.1 – A PREGAÇÃO VISA A GLÓRIA DE DEUS.....	47
2.2 – A PREGAÇÃO VISA A EDIFICAÇÃO DA IGREJA.....	50
<b>2.2.1 A Igreja é edificada na santificação.....</b>	<b>53</b>
<b>2.2.2 A Igreja é edificada na consolação.....</b>	<b>54</b>
<b>2.2.3 A Igreja é edificada na admoestação.....</b>	<b>56</b>
2.3 – A PREGAÇÃO VISA A SALVAÇÃO DOS ELEITOS.....	57
2.4 – A PREGAÇÃO ALERTA QUANTO O JUÍZO DIVINO.....	60
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>64</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>67</b>

## INTRODUÇÃO

Entre as mais diversas práticas do Cristianismo histórico a que mais se destaca é a pregação. Os mais diversos seguimentos cristãos possuem sua estrutura ritual e litúrgica particular, seguindo padrões mais rígidos ou mais flexíveis, dependendo da respectiva tradição e das determinações ou orientações denominacionais. Cada rito litúrgico possui suas características próprias e cada um chama atenção por essas características. No entanto, seja qual for a tradição cristã ou a sua forma litúrgica, a pregação sempre será o momento de maior atenção, independente se esta segue princípios sadios de exegese, hermenêutica e homilética ou se não demonstra preocupação com nenhuma tradição em especial ou não tenha compromisso com uma teologia bíblica sólida.

A importância da pregação bíblica é imensurável para a Igreja em todos os tempos. Os profetas do Antigo Testamento foram pregadores e vaticinavam como boca de Deus para o Seu povo. Igualmente fizeram os destemidos apóstolos de Jesus no contexto neotestamentário, anunciando Palavra de Deus no poder do Espírito Santo. O próprio Jesus foi, antes de tudo, um pregador, aliás, o Pregador mais excelente de todos. Os reformadores, puritanos, avivalistas e destacados missionários e pastores fiéis de todos os tempos, elevaram o ministério da pregação da Palavra e a coroaram como o principal meio de graça pelo qual Deus comunica Suas bênçãos especiais ao Seu povo amado. É sobre este importante assunto que o presente trabalho se propõe a discorrer.

### Tema

A proposta temática para o trabalho é *“A pregação bíblica como meio de graça”*. Os meios de graça são, conforme a sua própria definição os apresentam, aqueles recursos usados por Deus para transmitir determinadas bênçãos ao Seu povo. As perguntas 154 e 155 do Catecismo Maior de Westminster abordam esta questão e elenca a Palavra de Deus bem como a sua pregação, como um desses meios externos de comunicação divina de Suas bênçãos. Muitas obras têm sido escritas acerca da importância da pregação bíblica no desenvolvimento saudável da Igreja como corpo e de seus membros individuais, sendo esta, inclusive, a tarefa principal do ministro do Evangelho.

### Justificativa

Este trabalho se justifica especialmente por se tratar de um tema absolutamente essencial ao ministério da Igreja em todos os seus âmbitos, a saber, a fiel pregação da Palavra de Deus e

sua íntima relação com a saúde espiritual do Corpo de Cristo. Sendo a exposição fiel das Escrituras o principal recurso vitalizador da Igreja por meio da ação do Espírito Santo, é mister que aborde a questão com o devido senso de prioridade.

É sabido que não existam muitos escritos acerca desta abordagem (a pregação como meio de graça), tornando o tema, seu estudo e exposição ainda mais necessários. Com esta ênfase, a pesquisa procura estabelecer o lugar que o ministério da pregação deve ocupar não apenas no trabalho pastoral, mas também na dinâmica da Igreja como um todo. É preciso despertar os pastores para uma urgente conscientização deste caráter essencial da pregação bíblica, elevando-a a muito mais do que uma prédica em um momento distinto do culto congregacional ou numa proclamação extra-templo. Também é preciso que a própria Igreja tenha a devida consciência da essência da pregação bíblica e que assim, a tenha na mais alta consideração, respeito e piedosa observância.

### Objetivos

Seguindo a lógica exposta nas justificativas já apresentadas, a presente pesquisa procura, como seu objetivo mais amplo, afirmar a realidade do caráter e essência da pregação bíblica como um meio eficaz usado pelo Senhor Deus para dispensar bênçãos especiais sobre o Seu povo e confirmando Seus propósitos salvando, firmando, capacitando, fortalecendo, santificando e consolidando.

Além disso, o presente trabalho também pretende analisar a história da pregação bem como avaliar o seu conteúdo e ênfases no passar dos anos, buscando através do material literário disponível, afirmar a primazia da pregação no âmbito ministerial da Igreja e a consideração prioritária que os ministros devem dispor à mesma, estando tanto eles quanto a Igreja, conscientizados de seu caráter como meio de graça.

### Problemas e hipótese

Por que entre as inúmeras obras literárias disponíveis sobre pregação não há alguma que aborde de forma específica e consistente o tema da pregação bíblica como um meio de graça? Qual seria a razão? Assim, de forma bastante específica, a pesquisa pretende responder a este questionamento e afirmar o caráter da pregação bíblica como verdadeiro meio de graça, por ser ela o instrumento de Deus para a comunicação de Sua vontade, na salvação dos perdidos (Rm 10.17) e no trato e edificação do Seu povo (2Tm 3.15-17).

### Organização do trabalho

O presente trabalho científico apresenta uma estrutura monográfica com dois capítulos redigidos em português, com uma introdução e uma conclusão seguida das referências bibliográficas, como já exposto no sumário. O primeiro capítulo tem por título “a afirmação da pregação bíblica como um meio e graça”. Aqui se encontra o coração da pesquisa, onde será apresentada a abordagem tema de maneira mais explícita, lançando mão dos argumentos favoráveis à sua afirmação. O segundo capítulo tem por título “os objetivos da pregação bíblica”. Após afirmar a premissa tema da pesquisa, este capítulo tem como objetivo aplicar seus frutos à prática pastoral, apresentando os propósitos da pregação bíblica na vida da Igreja.

As principais obras a serem utilizadas na pesquisa são aquelas que trazem a pregação como seu assunto principal, assim como as obras de cunho mais sistemático, onde é explorada a temática dos meios de graça. Obras clássicas como “*Pregação e pregadores*”, de D. Martyn Lloyd-Jones, “*Pregação cristocêntrica*”, de Brian Chapell, “*Eu creio na pregação*”, de John Stott, as Teologias Sistemáticas tradicionais de Louis Berkhof e Charles Hodge, bem como obras mais recentes e não menos importantes acerca do ministério da pregação e de assuntos teológicos sistemáticos também são utilizadas para fundamentar a pesquisa.

Além de livros, a pesquisa também lança mão de artigos acadêmicos, periódicos, apostilas, informações extraídas de sites importantes como Monergismo, Editora Fiel, Voltemos ao Evangelho, entre outros. Também é utilizado o banco de dados da biblioteca teológica do Mackenzie.

## 1 A AFIRMAÇÃO DA PREGAÇÃO BÍBLICA COMO MEIO DE GRAÇA

A pregação da Palavra de Deus é a atividade mais característica do ministério cristão. Não há no Cristianismo algo que o defina melhor do que a mensagem por ele apresentada. A pregação da Palavra é o momento mais especial do ajuntamento solene da Igreja, quando esta se reúne para adorar a Deus e ouvir o que Ele tem a dizer através da exposição de Sua Palavra por parte do ministro. R. A. Bodey define a pregação da seguinte forma:

Pregação é a proclamação da Palavra de Deus registrada na Bíblia e centrada na obra redentora de Jesus Cristo, convidando os homens ao arrependimento, fé e obediência. E o meio designado por Deus para comunicar o Evangelho da salvação para o mundo incrédulo e para fortalecer a vida espiritual de seu povo<sup>1</sup>.

John Stott diz: *“A pregação é indispensável para o cristianismo. Sem a pregação, ele perde algo necessário que lhe confere autoridade. Isso porque o cristianismo é, essencialmente, uma religião da Palavra de Deus”*<sup>2</sup>. Por causa disso, a Igreja de Cristo não tem autonomia para decidir pregar ou não pregar. Uma vez que o Senhor Se revelou de maneira especial em Sua Palavra, logo, ela deve ser transmitida e a verdadeira fé assim compartilhada na dependência do Espírito Santo e em Seu poder e autoridade.

A Teologia Reformada sustenta que Deus, em Sua sabedoria e bondade eterna, designou certos meios para comunicar Sua graça especial ao homem decaído através dos méritos de Jesus Cristo e por intermédio da ação do Espírito Santo. Estes meios divinamente ordenados cooperam tanto para a redenção quanto para a santificação e fortalecimento da vida espiritual dos eleitos. Apesar de não estar presente nas Escrituras, a expressão “meios de graça” define bem o que a Bíblia apresenta como sendo os meios estabelecidos por Deus para o compartilhamento de Suas bênçãos especiais aos Seus eleitos.

Charles Hodge define os meios de graça como sendo *“as instituições que Deus ordenou como meios ordinários da graça, ou seja, das influências sobrenaturais do Espírito Santo, para a alma dos homens”*<sup>3</sup>. A despeito de ser uma expressão um tanto quanto indefinida, portanto, aberta a algumas possibilidades de compreensão e inclusão, tradicionalmente os meios de graça são entendidos e representados pela Palavra e pelos sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor. Não há, entretanto, entre os teólogos, uma uniformidade de pensamento quanto a determinação ou limitação destes meios, havendo aqueles que são mais restritivos enquanto há outros que ampliam suas definições com a inclusão de mais elementos em suas listas, como por exemplo, a oração.

<sup>1</sup>TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*. Volume 4 M-P. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2008. P. 1038.

<sup>2</sup>STOTT, John. *Eu Creio na Pregação*. São Paulo/SP: Vida, 2003. P. 15.

<sup>3</sup>HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo/SP: Hagnos. 2001. P. 1367.

Numa definição mais restritiva, Louis Berkhof escreve: “*Estritamente falando, somente a Palavra e os sacramentos podem ser considerados como meios de graça, isto é, como os canais objetivos que Cristo instituiu na igreja, e aos quais Ele se prende normalmente para a comunicação de Sua graça*”<sup>4</sup>. O mesmo autor ainda frisa que estes meios não devem ser desassociados de Cristo, da ação do Espírito Santo e nem da Igreja, por ser ela o órgão escolhido e determinado por Deus para a distribuição de Sua graça<sup>5</sup>.

O presente texto tem por finalidade apresentar a Palavra de Deus pregada como um meio de graça para a Igreja de Cristo, e não apenas um deles, mas o principal deles. Sendo a Palavra um dos meios designados por Deus para o compartilhamento contínuo de Sua graça (sendo na redenção do pecador e na santificação e fortalecimento espiritual dos crentes), entende-se que a mesma assim se apresenta tanto em sua forma escrita quanto em sua exposição fiel através da proclamação de um ministro preparado, devidamente ordenado e dotado dos dons necessários para o exercício deste ministério sagrado.

Herman Bavinck descreve a Palavra proclamada nestes termos, uma vez que a Reforma tirou a ideia de um poder sacerdotal para um poder espiritual da Palavra, esta se tornou o principal meio de graça<sup>6</sup>. Além disso, Bavinck também ensina que a Palavra tem importância universal e, mesmo quando ministrada além da proclamação pública na Igreja, mantém seu caráter como meio de graça<sup>7</sup>.

O Senhor faz uso desses meios ordinários para manifestação de Sua graça especial aos eleitos com o propósito de remover seus pecados e renová-los numa escala progressiva ao longo de sua carreira cristã, mediante a operação do Espírito Santo. Estes meios objetivam produzir e confirmar neles, a fé cristã, pura e genuína. A pregação da Palavra encontra destaque neste aspecto, uma vez ser por meio dela que a salvação se desenvolve, tanto como um ato pontual (novo nascimento) quanto um processo contínuo (santificação). Além disso, a pregação da Palavra permanecerá agindo como o princípio regulador entre os demais meios da graça especial de Deus, a saber, os sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor.

Os puritanos são reconhecidos, entre outras coisas, pela sua seriedade com as coisas espirituais, demonstrada tanto por seu zelo e labor teológico, quanto pela vida de piedade prática exemplar. Eles tinham uma visão extremamente elevada das Escrituras e da pregação e estabeleceram como o principal meio de graça para a Igreja. A Pergunta 35 do Catecismo Maior de

---

<sup>4</sup>BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas/SP: Luz Para o Caminho, 1990. P. 609.

<sup>5</sup>Ibid.

<sup>6</sup>BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada*. Volume 4: Espírito Santo, igreja e nova criação. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2012. P. 447.

<sup>7</sup>Ibid.



Westminster, elaborado pelos teólogos puritanos, questiona: “*Como é o pacto da graça administrado no Novo Testamento?*”. Sua resposta estabelece o seguinte:

*No Novo Testamento, quando Cristo, a substância, foi manifestado, o mesmo pacto da graça foi e continua a ser administrado na pregação da Palavra e na celebração dos sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor; e assim, a graça e a salvação são manifestadas em maior plenitude, evidência e eficácia a todas as nações*<sup>8</sup>.

A Teologia Reformada não hesita em afirmar a pregação da Palavra como o principal meio de graça para a Igreja<sup>9</sup>. Para ela, a pregação não é uma explicação humana impotente do texto bíblico, pois o Espírito a acompanha para que a Palavra de Deus alcance seus propósitos (Is 55.10,11). Ao tratarem do entendimento puritano acerca da natureza da pregação, Joel Beeke e Mark Jones citam o puritano John Preston e sua definição funcional da palavra pregação. Preston entendia a pregação nos seguintes termos: “*Uma interpretação ou subdivisão pública da Palavra, realizada por um embaixador ou ministro que fala ao povo em lugar de Deus, em nome de Cristo*”<sup>10</sup>. A pregação não está distinta da Palavra escrita, mas emana da mesma por intermédio de um arauto que a proclama em nome do Senhor e para o cumprimento de Seus propósitos.

Novamente Berkhof reforça que a pregação da Palavra de Deus é um meio oficialmente instituído na Igreja de Cristo pelos quais o Espírito Santo produz e confirma a fé nos corações dos homens. Ele ainda afirma que a Palavra pregada em nome de Deus, em virtude de um comissionamento divino, é que pode ser concebida como um meio de graça no sentido técnico da palavra, juntamente com os sacramentos<sup>11</sup>.

Nos últimos tempos, uma parte da Igreja parece ter se esquecido dos princípios elementares da boa teologia ou simplesmente as tem ignorado reputando as tradições por algo ultrapassado e que engessa a dinâmica da Igreja que, devido aos novos ares, precisa ser reavaliada sob uma perspectiva mais moderna e livre de rótulos, permitindo a introdução de elementos mais atraentes na liturgia, como coreografias, teatros, declamações, danças, etc. Será este um bom caminho a escolher e percorrer? Será mesmo que Deus está disposto a abençoar outros meios senão aqueles que Ele mesmo definiu como fonte de bênçãos para a Igreja? Alan D. Strange é enfático ao dizer que não. Ele diz: “*O Espírito de Deus não prometeu abençoar outros meios além daqueles que ele designou para a reunião dos santos. E confessamos que o Espírito abençoa especialmente a pregação da Palavra de Deus*”<sup>12</sup>.

<sup>8</sup>Confissão de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana. 7ª ed. São Paulo/SP: Casa Editora Presbiteriana, 1980. P. 73.

<sup>9</sup>ANGLADA, Paulo. *Introdução à Pregação Reformada*. Uma investigação histórica sobre o modelo bíblico-reformado de pregação. Ananindeua/PA: Knox Publicações, 2005. P. 66.

<sup>10</sup>BEEKE, Joel R., JONES, Mark. *Teologia Puritana*: Doutrina para a vida. São Paulo/SP: Vida Nova, 2016. P. 966.

<sup>11</sup>BERKHOF. *Teologia Sistemática*. Pp. 610,615.

<sup>12</sup>STRANGE, Alan D. “*Especially the Preaching*”. Disponível em: [https://opc.org/new\\_horizons/NH00/0005b.html](https://opc.org/new_horizons/NH00/0005b.html). Acessado em 11/10/2022. Minha tradução.

A pregação bíblica é um meio de graça. Ela é o maior deles, pois é a partir dela que os demais meios são validados. Sem a pregação bíblica não existe administração correta dos sacramentos e nem o exercício e aplicação piedosa da disciplina eclesiástica. Esta definição da pregação da Palavra como o principal meio de graça para a Igreja é afirmada por alguns princípios bíblicos-teológicos elementares, coerentes e sólidos. São estes princípios que sustentam a doutrina num terreno firme e confiável. Estes princípios devem ser bem compreendidos e, por isso, merecem destaque. São eles que são expostos na sequência deste.

### 1.1 A BÍBLIA COMO PALAVRA INSPIRADA DE DEUS

Um dos principais fundamentos da Teologia Reformada é a afirmação convicta da inspiração e autoridade das Escrituras Sagradas. A Bíblia é a Palavra de Deus, dada por Ele, inspirada em todo o seu conteúdo, infalível em todos os seus expostos e inerrante em todas as suas premissas. Toda estrutura teológica e espiritual do Cristianismo está formulada sobre este alicerce, logo, uma visão distorcida desta doutrina fundamental determina o fracasso espiritual e teológico da Igreja<sup>13</sup>.

O testemunho que a própria Escritura dá acerca de si mesma é exposto magistralmente através da afirmação do apóstolo Paulo: *“Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra”* (2Tm 3.16,17). Colocar a doutrina da inspiração bíblica em dúvida significa duvidar de que Deus é o Seu Autor e rejeitar sua singularidade a equiparando aos livros convencionais e, conseqüentemente, negá-la como única regra de fé e prática<sup>14</sup>.

Ao escrever para o jovem pastor Timóteo, seu estimado filho na fé, Paulo o instruiu concernente a supremacia da Palavra de Deus acima de todas as demais coisas, afirmando algumas de suas indelévels prerrogativas, quais são: a) Sua importância – inspirada por Deus; b) sua utilidade – ensino (διδασκαλία – atividade de alguém que ensina), repreensão (λεγμον – refutar o erro), correção (επαγορθωσιν – correção, aperfeiçoamento de vida ou caráter) e educação (παιδεια – instrução que aponta para o crescimento em virtude) na justiça (δικαιοσυνη – integridade, virtude, pureza de vida, justiça, pensamento, sentimento e ação corretos); c) seu propósito – tornar o homem de Deus perfeito (αρτιος – aparentemente com referência a "aptitude

<sup>13</sup>COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *A Inspiração e Inerrância das Escrituras*. Uma perspectiva reformada. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 1998. P. 14.

<sup>14</sup>ANGLADA, Paulo. *Sola Scriptura*. A doutrina reformada das Escrituras. São Paulo/SP: Os Puritanos, 1998. P. 46.

especial para determinada prática ou atividade") e perfeitamente habilitado para toda boa obra (εργον – aquilo que alguém se compromete em fazer, empreendimento, tarefa)<sup>15</sup>.

O conceito bíblico e teológico de “inspiração” afirma que a Bíblia é a Palavra de Deus. É a Palavra que foi divinamente assoprada pelo Senhor (θεοπνευστος). Este conceito sustenta que a Bíblia – toda ela – é o registro inspirado pelo Espírito Santo da revelação especial de Deus e, portanto, é infalível em seu texto original. Esta inspiração foi plenária (toda Escritura é plenamente inspirada), dinâmica (Deus usou os escritores com suas respectivas características, sem anular suas personalidades), verbal (Deus se revelou através de palavras) e sobrenatural (sua origem está em Deus, agindo de forma sobrenatural nos crentes através do Espírito Santo).

O teólogo puritano John Owen entendia a inspiração como o sopro do Espírito Santo no íntimo dos homens, que agiram “atuados” ou “movidos” por Ele (conforme 2Pe 1.21)<sup>16</sup>. Antes de Owen, os reformadores compreenderam ser a Bíblia um livro humano, escrito por homens e em linguagem humana dentro de um contexto cultural específico, porém, eles afirmavam seu caráter divino, tendo todas as conclusões de seus estudos controlados pela crença na doutrina da inspiração, veracidade e infalibilidade das Escrituras<sup>17</sup>.

Em comentário ao primeiro capítulo da Confissão de Fé de Westminster, Derek Thomas diz que o termo grego θεοπνευτος traduzido por “inspiração” significa “soprada por Deus”, no entanto, “expirada” seria uma tradução mais acurada do termo, sendo este sentido aplicado não aos escritores, mas aos escritos, afirmando assim, que toda Escritura vem de Deus – os homens escreveram exatamente aquilo que Deus queria que escrevessem<sup>18</sup>. Chad Van Dixhoorn diz sobre esta questão, em especial tomando por referência 2Pe 1.21: “*Certamente isso não quer dizer que a Escritura seja de origem privada e provenha da simples vontade humana. Precisamos enfatizar essas coisas, mas ao mesmo tempo não perder de vista o fato de que é a Bíblia em si que é inspirada. Somente a Escritura, o livro, possui o divino sopro de vida em si*”<sup>19</sup>.

Gerard van Groningen pontua que na inspiração, o Espírito Santo deu a mensagem divina e preservou os registros humanos.

O Espírito capacitou homens a conhecer e expressar a verdade de Deus. Ele impediu-os de incluir qualquer coisa que fosse contrária a essa verdade. Ele também impediu-os de escrever coisas verda-

<sup>15</sup>STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 2002; em *Bíblia On Line Módulo Avançado* – V. versão 3.00.

<sup>16</sup>PACKER, J. I. *Entre os Gigantes de Deus: Uma visão puritana da vida Cristã*. São José dos Campos/SP: Fiel, 1996. PP. 92,93.

<sup>17</sup>LOPES, Augustus Nicodemus Gomes. *A Bíblia e Seus Intérpretes*. Uma breve história da interpretação. 2ª ed. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2007. P. 160.

<sup>18</sup>THOMAS, Derek. *A Visão Puritana das Escrituras*. Uma análise do capítulo de abertura da Confissão de Fé de Westminster. São Paulo/SP: Os Puritanos. 1998. P. 15.

<sup>19</sup>DIXHOORN, Chad Van. *Guia de Estudos Confissão de Fé de Westminster*. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2017. P. 36.

deiras que não eram necessárias. Assim, homens escreveram como homens, mas, ao mesmo tempo, comunicaram a mensagem de Deus, não a do homem<sup>20</sup>.

A Confissão de Fé de Westminster, em seu Capítulo I, faz uma exposição profunda e substancial acerca das Escrituras Sagradas trazendo importantes afirmações acerca da inspiração bíblica. O ensino exposto pela Confissão de Fé de Westminster, fruto de exaustivos estudos e orações, constitui um padrão teológico fiel às Escrituras, portanto, seguro e absolutamente confiável. No Parágrafo I a Confissão diz:

Ainda que a luz da natureza e as obras da criação e da providência de tal modo manifestem a bondade, a sabedoria e o poder de Deus, que os homens ficam inescusáveis, contudo não são suficientes para dar aquele conhecimento de Deus e da sua vontade necessário para a salvação; por isso foi o Senhor servido, em diversos tempos e diferentes modos, revelar-se e declarar à sua Igreja aquela sua vontade; e depois, para melhor preservação e propagação da verdade, para o mais seguro estabelecimento e conforto da Igreja contra a corrupção da carne e malícia de Satanás e do mundo, foi igualmente servido fazê-la escrever toda. Isto torna indispensável a Escritura Sagrada, tendo cessado aqueles antigos modos de revelar Deus a sua vontade ao seu povo<sup>21</sup>.

Os teólogos de Westminster enfatizaram o conceito de inspiração bíblica quando afirmaram no Parágrafo II da Confissão de Fé, que a Palavra de Deus escrita, incluindo todos os livros do Antigo e do Novo Testamento – apenas os sessenta e seis livros canônicos – foram “*todos dados por inspiração de Deus para serem a regra de fé e prática*”<sup>22</sup>. Os livros chamados de apócrifos ou deutero-canônicos, incluídos no cânon católico romano por ocasião do Concílio de Trento 1548<sup>23</sup>, não são reconhecidos como canônicos, ficando fora desta conceituação. Tanto a comunidade judaica quanto os cristãos primitivos jamais os aceitaram como tal.

Ao frisarem a autoridade das Escrituras, os teólogos de Westminster afirmam no Parágrafo III da Confissão de Fé que a mesma se dá porque Deus é o Seu Autor e, portanto, deve ser recebida, crida e obedecida por ser a Palavra de Deus<sup>24</sup>. Calvino defende que o princípio distintivo do Cristianismo verdadeiro é a crença de que Deus falou e que os profetas, por sua vez, não falaram por si mesmos, mas o fizeram como canais do Espírito Santo, comunicando somente o que foram chamados para proclamar<sup>25</sup>. Van Dixhoorn enfatiza esta convicção dizendo: “*Nós recebemos esse livro porque ele é de Deus*”<sup>26</sup>.

O puritano John Newton meditando no Breve Catecismo de Westminster ponderou acerca da inspiração bíblica da seguinte maneira:

Fico pensando: de onde mais as Escrituras poderiam vir, senão de Deus? Homens maus não poderiam ser seus autores. Suas mentes poderiam compor linhas tão santas? Fariam declarações tão severas

<sup>20</sup>GRONINGEN, Gerard van. *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. Campinas/SP: Luz Para o Caminho. 1995. Pp. 64,65.

<sup>21</sup>*Confissão de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana*. 7ª ed. São Paulo/SP: Casa Editora Presbiteriana, 1980. P. 1.

<sup>22</sup>*Confissão de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana*. P. 1.

<sup>23</sup>ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Em 1 volume. São Paulo/SP: Vida Nova. 2009. P. 95.

<sup>24</sup>*Confissão de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana*. P. 3.

<sup>25</sup>CALVINO, João. *As Pastorais*. São Paulo/SP: Paracletos. 1998. P. 262.

<sup>26</sup>DIXHOORN. *Guia de Estudos Confissão de Fé de Westminster*. P. 39.

contra o pecado? Homens bons também não poderiam ser os autores. Poderiam escrever de maneira tão afinada? Ou, quem sabe, poderiam usar sua agilidade para falsificar o nome de Deus usando o “Assim diz o Senhor” em um livro de autoria de homens? Também, nenhum anjo no céu poderia ser o autor delas, porque os anjos investigam e pesquisam nas profundezas dos mistérios do evangelho (1Pe 1.12), o que implica ignorância de algumas partes das Escrituras. Portanto, não poderiam ser autores de um livro que eles mesmos não compreendem completamente. E mais, que anjo no céu teria a ousadia de ser tão arrogante em agir como se fosse Deus e dizer: “eu crio” (Is 65.17), “Eu, o Senhor, falei” (Nm 14.35)? Assim, fica evidente que a origem das Escrituras é sagrada, que não poderia vir de outro senão do próprio Deus<sup>27</sup>.

Owen insistiu que a autoria divina das Escrituras a coloca numa posição tal que não apenas o seu conteúdo original antigo foi proferido por Deus causando sua escrita, como também Ele permanece falando em tempos atuais exatamente este mesmo conteúdo, sendo, portanto, a Escritura, a declaração atual de Deus para cada geração<sup>28</sup>. Com esta perspectiva elevada das Escrituras João Calvino escreveu: “*A Escritura é a fonte de toda a sabedoria, e os pastores terão de extrair dela tudo o que eles expõem diante do seu rebanho*”<sup>29</sup>. Por causa de sua origem divina, a Palavra possui autoridade e poder para comunicar as bênçãos especiais de Deus aos Seus eleitos através da iluminação do Espírito Santo, sem a qual a Palavra não terá efeito<sup>30</sup>.

É deste conceito elevado das Escrituras Sagradas que se desenvolvem todos os demais princípios que devem nortear a compreensão de toda Igreja a respeito dela. O alicerce da autoridade bíblica sustenta toda estrutura de fé e prática da Igreja de Jesus, incluindo a pregação.

## 1.2 A DOCTRINA REFORMADA DA PREGAÇÃO

Devido ao seu elevado conceito acerca das Escrituras Sagradas, a Reforma igualmente elevou sobremaneira o conceito de pregação bíblica. É dito que a Reforma promoveu o renascimento da pregação<sup>31</sup> e isto é verdadeiro, uma vez que a instituição estatal e o crescimento do catolicismo romano medieval trouxeram sérias adulterações doutrinárias à Igreja, com a inserção de diversos elementos estranhos ao Cristianismo, em sua maioria importados do paganismo. Estas alterações comprometeram o entendimento das Escrituras e a pregação. Toda modificação romanista imposta ao Cristianismo bíblico culminou com o secundarismo e o diluimento da pregação da Palavra na vida da Igreja.

Diante deste quadro de horrores, coube à Reforma estabelecer novos critérios teológicos que trariam a Igreja novamente para a Palavra de Deus e à sujeição integral aos seus princípios. D. Martyn Lloyd-Jones diz que a Reforma varreu da Igreja, todas as coisas que usurpavam o lu-

<sup>27</sup>WATSON, Thomas. *A Fé Cristã*. Estudos baseados no Breve Catecismo de Westminster. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2009. P. 44.

<sup>28</sup>PACKER. *Entre os Gigantes de Deus*. P. 95.

<sup>29</sup>CALVINO. *As Pastorais*. P. 123.

<sup>30</sup>CALVINO, João. *As Institutas, ou Tratado da Religião Cristã*. Volume 3. São Paulo/SP: Casa Editora Presbiteriana. 1989. P. 43.

<sup>31</sup>REID, W. Stanford. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*. 2ª ed. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2014. P. 43.

gar da pregação no culto ou que de alguma maneira diminuiam o seu valor<sup>32</sup>. Os reformadores destituíram a liturgia dos elementos estranhos que há séculos foram nela incorporados e que usurpavam a centralidade da pregação como manchavam a santidade do culto.

Segundo o pensamento da Reforma, Jesus Cristo é o centro da Escritura, a justificação do pecador por fé é o alicerce do Evangelho e sua afirmação está presente em toda Escritura. J. V. Fesko, deão acadêmico e professor de Teologia Sistemática no Westminster Theological Seminary, em Escondido, na Califórnia, escreve:

Que Cristo está no centro das Escrituras é evidente em várias passagens do NT como Ele olha retrospectivamente para o AT. Na aparição pós-ressurreição de Cristo no caminho de Emaús, Ele instruiu Seus discípulos sobre tudo o que estava escrito sobre Ele na “Lei de Moisés, dos Profetas e dos Salmos” (Lc 24.44). Declarações semelhantes confirmam que Jesus é o tema do AT (Jo 5.39; 20.9). O foco cristocêntrico do AT é evidente na menção de Lucas de sua divisão: a Lei, Profetas e Salmos. Uma divisão semelhante foi usada na literatura do judaísmo do primeiro século para se referir a todo o cânon do AT (4Q 397 linha 10; Sirach, prólogo; NRSV). Jesus explica que todo o AT aponta para Ele, em vez de apenas algumas profecias espalhadas. Há a confirmação desse foco cristocêntrico nas declarações do apóstolo Pedro quando ele explica que os profetas da antiguidade falaram e escreveram a revelação divina a respeito da salvação pelo “Espírito de Cristo” (1Pe 1.10,11)<sup>33</sup>.

Estes princípios fazem da pregação uma instituição sagrada onde se ouve a viva voz do Evangelho. As mudanças teológicas, litúrgicas e hermenêuticas definidas pela Reforma resultaram no redescobrimto e valorização da pregação, aumentando a autoridade do pregador. A pregação é tarefa do ministro vocacionado para tal. Assim, a pregação consiste na viva voz do Evangelho, onde Deus fala pela boca do pregador.

A Reforma resgatou a santidade do culto e a dignidade da pregação bíblica, restabelecendo o seu verdadeiro conceito. De maneira mais simples pode-se definir a pregação como sendo a comunicação verbal da Palavra de Deus. Entretanto, o conceito reformado de pregação é muito mais rico e elevado. Os reformadores trouxeram de volta para a Igreja a doutrina paulina da proclamação do Evangelho: A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus (Rm 10.17). Eles não inventaram a pregação bíblica, mas a elevaram a um novo *status* dentro do culto cristão e em todas as concepções da vida do ministro de Deus.

Os reformadores insistiam que o sermão constituía na melhor e mais necessária parte do culto. O culto protestante centrava-se ao redor do púlpito e da Bíblia aberta sobre ele, com o pregador encarando a congregação e expondo fielmente tão somente o texto sagrado das Escrituras. O pregador não se encontrava envolto a um altar, como um sacerdote na realização de um ritual místico e semi-secreto, antes, estava à frente de uma celebração marcada pela simplicidade – desde a liturgia em si, como também em suas vestes e na exposição do texto bíblico. Os refor-

<sup>32</sup>LLOYD-JONES, D. Martyn. *Os Puritanos*. Suas origens e seus sucessores. São Paulo/SP: PES, 1993. P. 379.

<sup>33</sup>FESKO, J. V. Preaching as a means of grace and the doctrine of sanctification: A Reformed perspective. *American Theological Inquiry*, 3 n, 1, 15 jan 2010. P. 36. Disponível em: <https://web.p.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=2&sid=a512f099-9de7-4ceb-9032-f0d9503605e2%40redis>. Acesso em 13/10/2022. Minha tradução.

madores consideravam o ofício da pregação com tamanha importância que até mesmo os membros disciplinados da Igreja não deviam ser excluídos dos benefícios que ela proporcionava.

### 1.2.1 Martinho Lutero

Martinho Lutero, o pioneiro reformador da Igreja, não deixou nenhuma obra escrita sobre a pregação de maneira específica, mas deixou importantes contribuições sobre o seu entendimento acerca deste ofício. Albert Mohler Jr. diz que Lutero era crente convicto na centralidade da pregação e afirmava que, se em uma Igreja houvesse apenas o sinal da pregação da Palavra de Deus, esta já seria suficiente para mostrar que ali estava o povo santo e cristão, pois a Palavra não pode subsistir sem o povo de Deus e o povo de Deus também não pode existir à parte da Palavra de Deus<sup>34</sup>.

Em suas “Palestras à Mesa”, Lutero apresenta um resumo de seus preceitos homiléticos<sup>35</sup>. Ele entendia que o bom pregador deve saber ensinar com clareza e ordem. Deve também ter uma boa inteligência, uma boa voz, uma boa memória. Deve saber quando terminar e deve estudar muito para saber o que diz. Deve estar pronto a arriscar a vida, os bens e a glória, pela Verdade. Não deve levar a mal o enfado e a crítica de quem quer que seja.

Paulo Anglada afirma que para Lutero, quem não prega a Palavra, para o que foi chamado pela Igreja, não pode ser sacerdote. Quem não é mensageiro do Senhor dos Exércitos certamente não é sacerdote. Estes são chamados de pastores, porque devem apascentar e ensinar. O múnus do sacerdote é pregar fielmente a Palavra de Deus, e é exatamente o ministério da Palavra que faz o sacerdote e o bispo<sup>36</sup>.

Lutero tinha a Palavra de Deus em alta consideração, colocando-a em importância acima dos sacramentos, pois compreendia que era a Palavra que os validava. Assim como todos os demais reformadores, ele também colocou o púlpito no centro do templo e acima do altar, sustentando que a salvação era através da Palavra e que, sem ela, os demais elementos são destituídos de qualidade sacramental, e que se não for falada, a Palavra se torna estéril. Insistiu que, a saúde do crente e da Igreja depende da Palavra de Deus, colocando a pregação e o ensino da Escritura como a parte mais importante do culto e também como o dever e obrigação mais sublime e único

<sup>34</sup>MOHLER JR, R. Albert *et al.* *Apascenta o Meu Rebanho*. Um apaixonado apelo em favor da pregação. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2009. P. 17.

<sup>35</sup>A *Contemporaneidade na Pregação dos Reformadores*. Encontrado em: [http://www.pregaa\\_palavra.com.br/dissertacao/reformadores.htm](http://www.pregaa_palavra.com.br/dissertacao/reformadores.htm). Acessado em 03/10/2022.

<sup>36</sup>ANGLADA, Paulo. *A Importância da Pregação Reformada*. Em: *Os Puritanos*. Ano VII, nº 4, Out.-Dez. 1999. p. 10.

do ministro do Evangelho. Para Lutero, a pregação da Palavra era uma responsabilidade de tamanho peso extremamente exigente<sup>37</sup>.

Sobre a pregação de Lutero em si, sabe-se que ela era cristocêntrica. Ele priorizava sempre a pessoa de Jesus Cristo em seus sermões, bem como Sua obra de salvação. Entendia Lutero que, toda Escritura se centraliza em Cristo e daí que vem a necessidade de se pregar a Cristo, sempre com base nas Escrituras Sagradas. Pregando a Cristo alimenta-se a alma e a torna justa, liberta-se a salva mediante a fé na pregação<sup>38</sup>.

Sua teologia dizia que a pregação não era simplesmente uma atividade humana, mas consistia na própria Palavra de Deus proclamando a si mesma através da instrumentalidade do pregador. Lutero defendia que no regime espiritual de Deus, Ele deu preferência à Palavra falada, à pregação, em relação à Palavra escrita. Em Wartburgo, Lutero enfatizou que o Evangelho não deveria ser escrito e sim Palavra falada, fundamentando sua convicção no fato do próprio Senhor Jesus não ter escrito e sim pregado<sup>39</sup>.

### 1.2.2 João Calvino

João Calvino é sempre lembrado como um grande teólogo e exegeta, o sistematizador da doutrina protestante no século XVI<sup>40</sup> cujo legado concernente o ministério da pregação é igualmente rico. Calvino fez da pregação da Palavra a sua principal atividade<sup>41</sup> e enfatizou que Jesus deseja governar Sua Igreja por meio da pregação de Sua Palavra, que deve ser recebida com atenciosa reverência<sup>42</sup>. Calvino assim ponderou acerca do governo que Cristo exerce na Igreja através de Sua Palavra: *“Em suma, visto que a igreja é o reino de Cristo, e que Cristo não reina senão por sua Palavra, ainda vamos continuar duvidando de que são mentirosas as palavras daqueles que imaginam o reino de Cristo sem o seu cetro, quer dizer, sem a sua santa Palavra”*?<sup>43</sup>

O entendimento de Calvino acerca da centralidade da pregação do Evangelho na vida e obra do ministro cristão e da própria Igreja do Senhor Jesus Cristo é evidente a partir de seu desejo de mover o púlpito para frente e para o centro do templo, onde o altar da missa tinha previ-

<sup>37</sup>STOTT. *Eu Creio na Pregação*. Pp. 24,25.

<sup>38</sup>LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero: Obras Seleccionadas*. São Leopoldo/RS e Porto Alegre/RS: Sinodal e Concórdia. 1989. P. 87.

<sup>39</sup>JUNGHANS, Helmar. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo/RS: Sinodal. 2001. Pp. 17,18.

<sup>40</sup>GONZÁLEZ, Justo L. *E Até aos Confins da Terra: Uma História Ilustrada do Cristianismo*. Volume 6. A era dos reformadores. São Paulo/SP: Vida Nova. 1983. P. 107.

<sup>41</sup>REID. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*. P. 43.

<sup>42</sup>COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *A Reforma e a Escritura*. Calvino como leitor, intérprete e pregador da Palavra. Goiânia/GO: Editora Cruz. 2017. P. 8.

<sup>43</sup>CALVINO, João. *As Institutas, ou Tratado da Religião Cristã Vol. IV*. Edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2006. P. 116.



amente estado. Calvino cria que a pregação era central na Igreja porque ela era o modo de Deus salvar o Seu povo, até o ponto dele se considerar também um ouvinte carente dessa mensagem. Dizia Calvino que o ministério do Evangelho é o mais notável e glorioso na Igreja<sup>44</sup>.

Como teólogo e pastor, Calvino priorizou o ensino das Escrituras em seu ministério, tendo, assim, escrito comentários sobre 23 livros do Antigo Testamento e sobre todos os livros do Novo Testamento, menos Apocalipse. Suas *Institutas*, obra composta de 79 capítulos e completada em 1559, é a sua principal obra literária e reflete seu zelo com as Escrituras, o mesmo que ele apresentava em suas pregações. As mensagens de Calvino combinavam a precisão teológica e exegética com a aplicação prática visando às necessidades de seus ouvintes<sup>45</sup>.

Usando de um sistema organizacional homilético próprio, geralmente Calvino pregava a partir do Novo Testamento, no Dia do Senhor, tanto pela manhã como à noite, usualmente continuando do mesmo livro de manhã e de noite, e pregava a partir do Antigo Testamento nas manhãs dos dias de semana. Seu método homilético era sistemático e extemporâneo, pregando livro por livro da Bíblia, sequencialmente, versículo por versículo, aplicando os ensinamentos do texto diretamente à vida prática dos ouvintes, sempre de maneira expositiva. Para Calvino, a pregação era a fiel interpretação das Escrituras, aplicada aos problemas atuais<sup>46</sup>.

Calvino referendou a pregação da Palavra como elemento subordinativo e primordial usado por Deus para ministrar Sua graça aos eleitos. Na verdade, ele a via como o principal meio pelo qual Deus ministra Sua graça aos Seus eleitos. Escreveu Calvino: *“Quando nos reunimos em nome de Deus, não é para ouvir meros cânticos, e ser alimentados com vento, isto é, com curiosidade vã e inútil, mas para receber alimento espiritual”*<sup>47</sup>. O alimento espiritual concebido por Calvino, não se tratava meramente de informação intelectual, mas sim de nutrições espirituais puras e verdadeiras, vindas diretamente da fonte de toda graça, Deus, por intermédio de um arauto proclamador, devidamente preparado e usado pelo Espírito Santo.

Para Calvino, a pregação da Palavra estava num patamar acima dos sacramentos, e isto porque, em sua compreensão, estes últimos, desprovidos da fiel pregação bíblica, se tornam um tipo de prática mágica e mística. Logo, *“nunca a Palavra de Deus deve separar-se dos sacramentos, mas sempre deve acompanhá-los, visto que, virtualmente, são apenas uma representa-*

<sup>44</sup>BEEKE, Joel R. *Pregação Reformada*. Proclamando a Palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. São José dos Campos/SP: Fiel. 2019. P. 163.

<sup>45</sup>FERREIRA, Wilson de Castro. *Calvino: Vida, Influência e Teologia*. Campinas/SP: Luz Para o Caminho. 1990. P. 163. P. 162.

<sup>46</sup>Ibid. P. 163.

<sup>47</sup>HANKO. Rev. Ronald. *Calvino, o Pregador*. Encontrado em: [http://www.monergismo.com/textos/pregacao/calvino\\_pregador\\_hanko.htm](http://www.monergismo.com/textos/pregacao/calvino_pregador_hanko.htm). Acessado em 03/10/2022.

ção visível da verdade que nos é transmitida pela Palavra”<sup>48</sup>. Assim, para o reformador de Genebra, a pregação da Palavra é o mais completo, substancial e objetivo meio de graça dado pelo Senhor à Sua Igreja, para sua edificação e fortalecimento.

Calvino compreendia que a pregação era a vontade de Deus revelada à Igreja, como um sacramento de Sua presença salvadora e de um trabalho humano e divino. A Palavra de Deus pregada é o cetro que Jesus firmemente segura de maneira contínua e ininterrupta exercendo Seu domínio singular e espiritual sobre a mente e o coração dos crentes. Durante a maior parte de seus anos em Genebra, Calvino pregava duas vezes a cada Dia do Senhor e, em semanas alternadas, todos os dias da semana também. A soma de toda produção sermônaria de Calvino chega próximo de 300 sermões ao ano, resultando num total espantoso, especialmente quando alguém se lembra de que ele também ensinava praticamente todos os dias na Academia de Genebra<sup>49</sup>.

Steven Lawson escreve que o púlpito da Igreja de São Pedro, em Genebra, fica no alto de uma coluna, acima do assoalho de pedra da nave do templo e, dali, domingo a domingo e até dia após dia, Calvino subia para pregar a Palavra de Deus. Calvino fez desse púlpito um trono de onde a Palavra de Deus reinava, regendo os corações de todos os que se uniram aos esforços reformistas<sup>50</sup>. Toda sua dedicação, piedade e zelo contribuíram para um prodigioso e abençoado avanço da Igreja Reformada na Europa e, conseqüentemente, em todo mundo.

### 1.2.3 Ulrich Zwinglio

Outro reformador suíço de grande importância histórica e que, assim como Calvino, impactou fortemente sua geração, foi Ulrich Zwinglio, um sacerdote católico romano que foi convertido ao verdadeiro Cristianismo e que vivia e ministrava na cidade de Zurique, no cantão alemão do país. Zwinglio promoveu uma reforma religiosa, intelectual e política, haja vista que sustentava um forte sentimento patriótico, bem como convicções humanistas<sup>51</sup>. Foi estudando os escritos de Erasmo de Roterdã que Zwinglio foi levado da teologia escolástica às Escrituras<sup>52</sup>. As convicções reformistas de Zwinglio vieram mediante o estudo das Escrituras<sup>53</sup>.

A pregação de Zwinglio consistiu numa forte apologia contra as aberrações ensinadas pelo romanismo, como as leis do jejum e da abstinência e o celibato clerical, por serem anti-bíblicos. Protagonizou acalorados debates com bispos católicos, que por não saberem como respondê-lo

<sup>48</sup>BERKHOF. *Teologia Sistemática*. P. 614.

<sup>49</sup>HANKO. *Calvino, o Pregador*. Acessado em 03/10/2022.

<sup>50</sup>PARSONS, Burk. *João Calvino: Amor À Devoção, Doutrina e Glória de Deus*. São José dos Campos/SP: Fiel. 2010. P. 95.

<sup>51</sup>GONZÁLEZ. *A Era dos Reformadores*. P. 89.

<sup>52</sup>CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. Uma história da Igreja Cristã. 2ª Edição. São Paulo/SP: Vida Nova. 1995. P. 245.

<sup>53</sup>GONZÁLEZ. *A Era dos Reformadores*. P. 90.

dentro das Escrituras, não só tiveram que tolerar suas pregações contra as heresias romanas, como viram a Reforma ser estabelecida legalmente em seus antigos domínios. Zwinglio sustentou a autoridade absoluta das Escrituras e pregava veementemente que tudo aquilo que não pode ser encontrado explicitamente nas Escrituras, deveria ser repudiado<sup>54</sup>.

Diferente de seus contemporâneos reformistas, Lutero e Calvino, Zwinglio não deixou uma Igreja estabelecida com suas bases doutrinárias, mas suas convicções teológicas influenciaram a muitos teólogos, denominações protestantes e documentos teológicos confessionais que fundamentaram o escopo doutrinários delas. Sua pregação influenciou muitos outros pregadores e leigos que propagaram suas doutrinas por todas as demais regiões da Suíça<sup>55</sup>.

#### 1.2.4 John Knox

John Knox, considerado o pai do presbiterianismo, é também aclamado como o símbolo maior de todo protestantismo escocês. Seus ideais reformistas se tornaram mais fortes quando se refugiou em Genebra, fugindo da perseguição promovida pela rainha católica Maria Tudor, conhecida como Maria “Sanguinária”, que reprimiu violentamente o protestantismo na Escócia. Knox fugiu primeiramente para Frankfurt, na Alemanha e, posteriormente, se refugiou em Genebra, na Suíça, onde estudou junto de Calvino na Academia de Genebra. Sobre Genebra, ele disse: “É a mais perfeita escola de Cristo que já houve na terra desde os dias dos apóstolos”<sup>56</sup>.

Knox era um homem de personalidade forte, veemente e convicto, e esses traços o acompanharam em seu ministério de pregação. É dito sobre ele que não temia ninguém, exceto ao Senhor Deus<sup>57</sup>. Lloyd-Jones afirma que sua veemência não resultava apenas de sua natureza, mas surgia de sua sensibilidade perceptiva do poder do Evangelho<sup>58</sup>. Knox foi um homem que, compreendendo a natureza de seu ministério, se lançou de corpo e alma à tarefa que Deus o propôs.

Acerca de sua coragem, escreveu Waldyr Carvalho Luz:

...era um pregador arrojado, corajoso, quase temerário, veemente de espírito e rude de linhagem, que não media palavras e não respeitava veleidades, empolgado com a causa da Reforma, a que devotara a vida e porque estava pronto a morrer, arrostando sacrifícios ingentes e travando lutas acirradas, até desesperadoras, contra forças aguerridas, sanhudas, quase sempre superiores<sup>59</sup>.

A pregação de Knox trazia entusiasmo, vida, veemência e resultava em grande poder. Suas mensagens causavam grande impacto em seus ouvintes, influenciando-os profundamente. É dito que suas corajosas e eloquentes pregações incomodavam tanto a rainha Maria Tudor, a ponto de

<sup>54</sup>CAIRNS. *O Cristianismo Através dos Séculos*. P. 246.

<sup>55</sup>GONZÁLEZ. *A Era dos Reformadores*. Pp. 91-93.

<sup>56</sup>BEEKE, Joel R. *Vivendo Para a Glória de Deus*. Uma introdução à fé reformada. São José dos Campos/SP: Fiel. 2016. P. 268.

<sup>57</sup>CAIRNS. *O Cristianismo Através dos Séculos*. P. 260.

<sup>58</sup>LLOYD-JONES. *Os Puritanos*. P. 274.

<sup>59</sup>LUZ, Waldyr Carvalho. *John Knox: O Patriarca do Presbiterianismo*. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2001. P. 10.

fazê-la chorar de raiva. É dito que ela o temia mais do que tudo e dizia temer mais as suas orações e sua pregação do que muitos regimentos de soldados ingleses<sup>60</sup>. A descrição de Randolph, homem influente da corte e embaixador, a respeito da pregação de Knox é a seguinte: “*A voz de um único homem é capaz de, em uma hora, pôr mais vida em nós do que 500 trombetas ressoando continuamente em nossos ouvidos*”. Às vezes, um único sermão de Knox transformava toda uma situação<sup>61</sup>.

Apesar de viver num contexto demasiadamente complexo e perigoso, toda a pregação de Knox, ao contrário do que se possa pensar, não consistia num mero manifesto político. Ele pregava a Palavra de Deus em sua essência. Sua pregação não era ditada pelos pensamentos ou circunstâncias dominantes de sua época. Knox tinha suas próprias convicções e era completamente original em seus pensamentos. Ele asseverava a autoridade suprema das Escrituras Sagradas sobre todas as coisas. Este era o princípio normativo de Knox: Se alguma coisa não pudesse ser justificada pela Palavra de Deus, ele simplesmente repudiava, e não permitia que esta fosse utilizada<sup>62</sup>. O legado reformista de Knox se estendeu da Escócia para os países vizinhos, Inglaterra e Irlanda e, destes, para os Estados Unidos.

### 1.2.5 Os puritanos

Profundamente influenciados pela teologia de Calvino, surgiu na Inglaterra o movimento puritano. Os puritanos deixaram um extenso legado na história da Igreja, sendo conhecidos por suas posturas firmes e bíblicas, com o sustento de uma teologia sólida e expressivos apelos a uma Igreja, liturgia, vida e sociedade mais puras e santas.

A respeito do ministério da pregação da Palavra, os puritanos definiram e mantinham um conceito consistente acerca do mesmo, com visíveis diferenças da pregação mais popular de seus dias. O período que vai de meados do século XVI até o final do século XVII, foi o tempo em que o movimento puritano surgiu e alcançou seu apogeu. Devido o seu foco na fidelidade na exposição das Escrituras, este período foi denominado “*a idade de ouro da pregação*”<sup>63</sup>. Os puritanos conceberam que a pregação era o meio primário de graça<sup>64</sup>.

Lloyd-Jones diz que o conceito puritano de pregação era dominado pela teologia<sup>65</sup>. Eles afirmavam a autoridade bíblica sustentando a doutrina da inspiração plenária das Escrituras, viam

<sup>60</sup>LLOYD-JONES. *Os Puritanos*. P. 274.

<sup>61</sup>Ibid.

<sup>62</sup>LLOYD-JONES. *Os Puritanos*. Pp. 275,276.

<sup>63</sup>BEEKE, JONES. *Teologia Puritana*. P. 963.

<sup>64</sup>LILLBACK, Peter. *O Calvinismo na Prática*. Uma introdução à herança reformada e presbiteriana. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2011. P. 106.

<sup>65</sup>LLOYD-JONES. *Os Puritanos*. P. 380.

o Evangelho como toda doutrina do Pacto da Graça, além de incluir a mensagem preparatória sobre o pecado e o juízo de Deus. Assim, para os puritanos, a pregação era a declaração completa do completo propósito divino de redenção envolvendo a proclamação de todo conselho de Deus<sup>66</sup>. Entendiam que o pregador só estava autorizado a falar o que Deus já havia falado e colocado em sua boca, sendo-lhe permitido pregar nada além da Palavra.

William Perkins ensinou que a pregação devia seguir três passos: 1) Definir o sentido do texto bíblico em seu contexto; 2) Ensinar as doutrinas extraídas do sentido natural do texto; 3) Fazer as aplicações das doutrinas encontradas no texto em linguagem simples à vida e conduta dos homens. Assim, os sermões puritanos eram construídos de três partes, onde a primeira era exegética e expositiva, a segunda era doutrinária e didática e a terceira, aplicativa<sup>67</sup>. Por tudo isso, Beeke e Jones afirmam que os puritanos formaram o grupo de pregadores mais abrangentes e poderosamente bíblicos em toda história da Igreja<sup>68</sup>.

Os puritanos não hesitaram em afirmar que a pregação da Palavra de Deus é um meio de graça por Ele instituído. Perkins entendia a pregação como o “poderoso braço de Deus” para alcançar os eleitos. Perkins definiu a pregação como o profetizar em nome e no lugar de Cristo, chamando os homens para o estado de graça e permanecerem nele conservados<sup>69</sup>. Semelhante a Perkins, Richard Sibbes cria ser a pregação a ordenança divina santificada para gerar fé e atrair a vontade e as afeições a Cristo<sup>70</sup>. Sibbes ressaltou estar a pregação acima dos demais meios de graça<sup>71</sup>. John Piper diz que Jonathan Edwards via a pregação como meio de graça, pois ajudava os santos a perseverar, considerando a perseverança essencial para a salvação. Neste caso, todo sermão era para salvação<sup>72</sup>.

A doutrina reformada acerca da pregação bíblica deve muito aos puritanos e seu extraordinário zelo. Eles enfatizaram princípios sólidos, combinando erudição, o sincero amor por Deus e pelas almas, bem como seu estilo de pregação, fidelidade à Palavra, dependência do Espírito Santo e santidade de vida. Além disso, eles também entendiam que é por meio da pregação que Deus edifica o Seu povo, tornando a pregação o centro do culto e da devoção<sup>73</sup>. Para os puritanos, o pregador é um embaixador de Deus que age em serviço dEle por meio da Palavra e do púlpito.

<sup>66</sup>PACKER, J. I. *Entre os Gigantes de Deus: Uma visão puritana da vida cristã*. São José dos Campos/SP: Fiel. 1996. Pp. 182,184.

<sup>67</sup>BEEKE, JONES. *Teologia Puritana*. P. 976.

<sup>68</sup>Ibid. P. 963.

<sup>69</sup>BEEKE. *Pregação Reformada*. P. 241.

<sup>70</sup>Ibid. Pp. 266,267.

<sup>71</sup>Ibid. P. 270.

<sup>72</sup>PIPER. *Supremacia de Deus na Pregação*. Teologia, estratégia e espiritualidade do ministério do púlpito. São Paulo/SP: Shedd Publicações, 2003. P. 79.

<sup>73</sup>Ibid. P. 965.

### 1.2.6 A Palavra fielmente pregada é Palavra de Deus

A Bíblia é a Palavra de Deus e é dela que emana a mensagem. Ela é a mensagem, a única e suficiente mensagem para o mundo. A pregação é muito mais do que a simples comunicação verbal das Escrituras. Ela se apresenta como sendo algo tanto terreno quanto celestial – os homens pregam, mas quem os comissiona para tal ministério é o próprio Deus e, o que eles pregam nesta comissão é a Sua Palavra dada diretamente por Ele para o cumprimento de Seus propósitos. O princípio Reformado da pregação é que esta consiste na voz de Deus falando diretamente com seu povo. Agostinho disse que “*quando a Bíblia fala, Deus fala*”<sup>74</sup>. Nesta perspectiva, Karl Barth define pregação como sendo...

*A palavra de Deus pronunciada por Ele mesmo. Deus utiliza, como lhe apraz, o serviço de um homem que fala em Seu nome e a seus contemporâneos por meio de um texto bíblico. Este homem obedece assim, à vocação que recebeu na igreja e, por seu ministério, a igreja realiza a missão que lhe corresponde*<sup>75</sup>.

Hermisten Maia escreve com propriedade acerca do caráter divino da Palavra pregada e da responsabilidade do ministro como servo escolhido por Deus, expondo o pensamento de Calvino. Maia assim coloca:

A Palavra de Deus é o conteúdo da mensagem do Ministro. Deste modo, não basta a consciência da vocação, é necessário que se desempenhe o ofício com integridade. Quando se ensina a Palavra com fidelidade, nada acrescentando ou omitindo, pode-se ter a certeza de que a mensagem não se distingue da própria Palavra de Deus<sup>76</sup>.

Paulo Anglada afirma que a Teologia Reformada entende a Palavra de Deus sob quatro perspectivas: A Palavra escrita (Bíblia), a Palavra encarnada (Jesus Cristo), a Palavra simbolizada ou dramatizada (os sacramentos do Batismo e Ceia do Senhor), e a Palavra proclamada (a pregação)<sup>77</sup>. A pregação jamais consiste numa mera exposição das ideias particulares do pregador, por mais interessantes ou bem intencionadas elas possam ser. Ela é a exposição fiel da Palavra de Deus e o pregador, como embaixador de Cristo, não a pode adulterar. Sidney Greidanus alerta que a ordenação ministerial não torna as palavras do pregador automaticamente em palavra de Deus, antes, o sermão só será Palavra de Deus se o pregador não se afastar do Senhor e o sermão permanecer incondicionalmente submisso à interpretação correta da infalível e normativa Palavra de Deus<sup>78</sup>.

Graeme Goldsworthy diz que no contexto neotestamentário a pregação da Palavra de Deus não significava expressar opiniões ou reinterpretações de tradições religiosas antigas, usando de

<sup>74</sup>ROBINSON, Haddon. CRAIG, Larson B. *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica*. Um manual abrangente para os comunicadores da atualidade. São Paulo/SP: Shedd Publicações. 2009. P.26.

<sup>75</sup>BARTH, Karl. *A Proclamação do Evangelho – Homilética*. São Paulo/SP: Novo Século, 2000. P. 15.

<sup>76</sup>COSTA. *A Reforma e a Escritura*. P. 89.

<sup>77</sup>ANGLADA, Paulo. *Vox Dei – A Teologia Reformada da Pregação*. Em *Fides Reformata*. *Fides Reformata* v. 4 n. 1, jan./jun., 1999. P. 147.

<sup>78</sup>GREIDANUS, Sidney. *O Pregador Contemporâneo e o Texto Antigo*. Interpretando e pregando literatura bíblica. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2006. P. 29.

criatividade e abordagens novas. A pregação consistia na proclamação da Palavra de Deus e, independente da forma da proclamação, o seu teor era o Evangelho de Jesus e era isso que atraía as pessoas para a Igreja<sup>79</sup>. Peter White igualmente defende este ponto: “*Para ser autentica, a mensagem realmente deve ser Palavra de Deus. Seu conteúdo deve ser a verdade revelada por Deus e depositada na Escritura e não em opiniões de homens como nós*”<sup>80</sup>. John MacArthur Jr. diz que As Escrituras Sagradas são a Palavra fiel de Deus, digna de toda confiança e credibilidade. Nelas está a mente de Deus<sup>81</sup>. Ela é o firme fundamento onde o edifício da pregação é erguido.

Retrocedendo à Reforma, Calvino entendia e ensinava que a Palavra pregada pelos ministros do Evangelho era a Palavra, mas não disse que os sermões eram inspirados pelo Espírito Santo tal como a Escritura. Ele afirmava que ao ouvir a Palavra pregada, as pessoas deviam entender que era Deus as chamando a Si, como se pudessem vê-IO e ouvi-IO pessoalmente através do pregador<sup>82</sup>. Comentando Is 55.11 Calvino diz que a Palavra sai da boca de Deus assim como também sai da boca do homem, porque o Senhor Deus não fala diretamente do céu, mas usa os homens por Seus instrumentos de comunicação<sup>83</sup>.

A pregação da Palavra de Deus é Palavra de Deus porque o pregador fala ordenado por Deus, em outras palavras, ele é embaixador e porta-voz de Deus (2Co 5.20). John Stott faz uma certa exposição acerca da identidade do pregador como um embaixador de Deus, responsável por proclamar Sua mensagem e, em Seu nome, conclamar seus ouvintes ao arrependimento e reconciliação com o Senhor<sup>84</sup>. Por isso, na pregação reformada, Jesus continua a falar à Igreja e, através da Igreja Ele fala ao mundo<sup>85</sup>. Se o pregador contemporâneo traz a mesma mensagem de reconciliação pregada pelos apóstolos, então Deus também fala por seu intermédio, sendo a sua palavra não somente uma palavra humana, mas a própria Palavra de Deus<sup>86</sup>.

A pregação também é Palavra de Deus por causa de seu conteúdo inspirado pelo Espírito Santo. Quando a pregação mostra-se fiel ao texto da Escritura Sagrada, ela tem a mesma autoridade do mesmo e, por isso, deve ser ouvida e obedecida pelos ouvintes<sup>87</sup>. Expor fielmente a Palavra de Deus é esclarecer seu texto inspirado de maneira tal que as pessoas ouçam a voz de

<sup>79</sup>GOLDSWORTHY, Graeme. *Pregando Toda Bíblia Como Escritura Cristã*. A aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva. São José dos Campos/SP: Fiel. 2013. P. 77.

<sup>80</sup>WHITE, Peter. *O Pastor Mestre*. Lições indispensáveis que um ministro da Palavra deve aprender. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2003. P. 67.

<sup>81</sup>MACARTHUR JR., John. *Redescobrimo o Ministério Pastoral*. Moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos. Rio de Janeiro/RJ: CPAD. 1998. P. 284.

<sup>82</sup>PIPER, John, MATHIS, David. *Com Calvino no Teatro de Deus*. A glória de Cristo e a vida diária. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2011. P. 71.

<sup>83</sup>BEEKE. *Pregação Reformada*. P. 163.

<sup>84</sup>STOTT, John. *O Perfil do Pregador*. São Paulo/SP e Recife/PE: SEPAL e SETE. 1991. Pp. 54-76.

<sup>85</sup>MCKIM, Donald K. *Grandes Temas da Tradição Reformada*. São Paulo/SP: Pendão Real. 1998. P. 280.

<sup>86</sup>GREIDANUS. *O Pregador Contemporâneo e o Texto Antigo*. P. 23.

<sup>87</sup>ANGLADA. *Vox Dei*. P. 147.

Deus ecoando através do pregador. Onde o Evangelho for pregado é como se o próprio Deus visse para o nosso meio, asseverou Calvino<sup>88</sup>.

A fonte de toda pregação é a Escritura. A mensagem deve ser extraída do conteúdo escriturístico, sem que o pregador imponha sobre ele, suas próprias idéias e pressupostos idem. A tônica da pregação da Palavra deve ser a exposição e não a imposição. O conteúdo da pregação é deveras importante para que ela seja confiável, substancial e verdadeira. David Eby enumera alguns traços do conteúdo da pregação bíblica baseados no livro de Atos. Estes traços evidenciam a essência da pregação da Palavra e são descritos como instrução aos pregadores:<sup>89</sup>

a) Pregar a pessoa e a obra de Cristo (At 2.36; 3.15; 8.12; 9.20; 17.2,3,18; 28.31 e ainda 2.22-26; 3.14,15; 4.33; 10.36-43; 13.28-40; 17.1-3,16-18,30-32; 26.19-23); b) Proclamar a salvação pela graça (At 2.38; 3.19; 5.31; 10.43; 13.39,43; 14.3); c) Apelar para a consciência sobre o pecado e a culpa (At 2.23; 3.13; 4.10,11; 7.51-53; 8.21-23; 20.21; 24.25); d) Focar a eternidade e a prestação de contas a Deus (At 2.20; 10.42; 17.30,31; 24.15,25); e) Declarar a salvação exclusiva em Cristo (At 2.36; 3.23; 4.12; 5.31; 10.43).

f) Chamar especificamente ao arrependimento e fé (At 2.38; 3.19; 8.22; 13.43; 16.31; 17.30; 20.21; 26.20); f) Usar convites atraentes (At 2.38; 3.19,26; 10.36,43; 13.38,39; 14.3; 15.7); g) Exortar sobriamente (At 2.40; 3.23; 7.51; 8.23; 13.46; 18.6; 28.23-28); h) Anunciar verdades básicas sobre Deus às pessoas sem formação bíblica (At 14.14-17; 17.16-34); i) Pregar perseverança aos crentes (At 11.23; 13.43; 14.22; 20.28,31); j) Instruir os crentes em todo o conselho de Deus (At 15.35; 18.11,27,28; 20.20,27,32).

John Stott define a pregação como sendo a exposição do texto inspirado com tamanha fidelidade e sensibilidade que a voz de Deus é ouvida e o povo de Deus lhe obedece<sup>90</sup>. Calvino reforça esta compreensão da pregação como a voz de Deus falando à Igreja em seu comentário ao livro do profeta Isaías. Calvino escreve que a Palavra sai da boca de Deus assim como também sai da boca do homem; uma vez que Deus não fala diretamente do céu, Ele faz uso da instrumentalidade humana, para que através de homens, Sua vontade venha ser exposta e se faça conhecida a todos<sup>91</sup>.

Os puritanos também sustentavam o princípio de que a fiel pregação bíblica é Palavra de Deus, afirmando ser a pregação da Palavra o centro de tudo. Acompanhando o pensamento dos

<sup>88</sup>BEEKE. *Pregação Reformada*. P. 164.

<sup>89</sup>EBY, David. *Pregação Poderosa Para o Crescimento da Igreja*. O papel da pregação em Igrejas em crescimento. São Paulo/SP: Candeia. 2001. Pp. 76-85.

<sup>90</sup>STTOT, John. *Ouçã o Espírito Ouçã o Mundo*. Como ser um cristão contemporâneo. São Paulo/SP: ABU. 1997. P. 229.

<sup>91</sup>CALVIN, John. *Calvin's Bible Commentaries*. Commentary On the Prophet Isaiah, vol. 2. Em: *The John Calvin Collection*. AGES Software • Albany, OR USA Version 1.0 © 1998. P. 434. Minha tradução.



reformadores, as Igrejas puritanas eram edificadas de maneira que o púlpito era colocado no centro da nave do templo e a Bíblia permanecia aberta sobre ele<sup>92</sup>. Heinrich Bullinger, o reformador suíço que substituiu Ulrich Zwinglio em Zurique e autor da Segunda Confissão Helvética (1566), disse que “*a pregação da Palavra de Deus é a Palavra de Deus*”.<sup>93</sup> No entendimento dos puritanos, a Palavra deve receber prioridade, deve ser suprema, pois quando há uma exposição fiel das Escrituras, Deus mesmo está pregando, e se alguém expõe verdadeiramente a Palavra de Deus, e não as suas próprias palavras ou ideias, então Deus está falando, porque é a Sua Palavra e não mera palavra humana<sup>94</sup>.

William Perkins escreveu e defendeu que “*a Palavra de Deus unicamente deve ser pregada, em sua perfeição e consistência interna. A Escritura é o tema exclusivo da pregação, o único campo em que o pregador deve trabalhar*”<sup>95</sup>. Este alto conceito acerca da Palavra de Deus pregada é corretamente denominado de *Vox Dei*. A partir deste entendimento teológico da pregação, ao pregador, no exercício de seu ministério, é dado o direito e a autoridade para dizer: “*Assim diz o Senhor*”. Portanto, dentro da tradição Reformada, pode-se definir a pregação como a comunicação da Palavra de Deus, através de um homem devidamente chamado para este ministério, com todas as suas características pessoais conservadas<sup>96</sup>.

### 1.2.7 A pregação como a principal atividade do ministro e da Igreja

Dentre todas as ocupações propostas aos ministros do Evangelho e à Igreja em geral, a pregação da Palavra de Deus compreende na mais importante delas. A pregação da Palavra foi ordenada por Deus. Ela comunica a verdade de Deus por meio do ser humano. A pregação da Palavra de Deus é uma instituição exclusivamente cristã, não sendo encontrada em nenhuma outra tradição religiosa. É pregando fielmente a Palavra de Deus que o ministro do Evangelho transmite o que as Escrituras dizem a respeito da salvação que há no nome de Jesus Cristo. É a pregação da Palavra de Deus que sustenta e fortalece os cristãos como um genuíno leite espiritual (1Pe 2.2). Escrevendo aos crentes da cidade de Colossos, Paulo afirma que a pregação é o propósito central do ministério (Cl 1.24,25)<sup>97</sup>.

Joseph Pipa Jr. diz que foi sob a influência teológica de Calvino que “*os puritanos exaltaram a pregação à condição de suprema obra de um pastor*”. Assim afirmavam porque o minis-

<sup>92</sup>LLOYD-JONES. *Os Puritanos*. P. 384.

<sup>93</sup>ARMSTRONG, John. *O Ministério Pastoral Segundo a Bíblia*. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2007. P. 121.

<sup>94</sup>Ibid. P. 385.

<sup>95</sup>PERKINS, William. *A Arte de Profetizar*. [S. l.]. [S. n.]. P. 24.

<sup>96</sup>BROOKS, Phillips. *Eight Lectures on Preaching*. 5ª ed. London: SPCK. 1959. P. 5. Minha tradução.

<sup>97</sup>MOLHER JR. *et al. Apascenta o Meu Rebanho*. P. 23.

tério da pregação havia sido a principal tarefa de Jesus e dos apóstolos<sup>98</sup>. Os puritanos sustentavam a premissa de que a pregação da Palavra de Deus é o principal trabalho do ministro do Evangelho e o principal benefício de seus ouvintes<sup>99</sup>.

Mohler chama atenções dos ministros cristãos quanto a esta responsabilidade primordial e os chama a uma severa reflexão:

Quando o ministro do evangelho enfrentar a face de Deus como juiz, muitas serão as perguntas endereçadas a ele. Haverá muitos padrões de responsabilidade. Haverá muitos critérios de julgamento; mas, no final, o critério mais crucial para o ministro de Deus é: “Voce pregou a Palavra? Você cumpriu fielmente o ministério da Palavra? A sua prioridade foi a pregação da Palavra, a tempo e fora de tempo?”<sup>100</sup>

Os grandes avivamentos do passado aconteceram mediante um apego sincero à Palavra de Deus, tanto por parte dos ministros quanto dos crentes em geral. O reavivamento acontece quando a pregação novamente assume a posição central na atividade pastoral e da Igreja. Hernandes Dias Lopes escreve que “a pregação é o ministério mais elevado da Igreja e a mais profunda necessidade do mundo”<sup>101</sup>. Estas prerrogativas fazem a responsabilidade dos pregadores aumentarem diante de sua tarefa ministerial.

Abordando a vida do pregador da Palavra como verdadeiro discípulo de Jesus e sua recepção pelos membros da Igreja, Dietrich Bonhoeffer escreveu:

Os portadores da palavra de Jesus recebem uma derradeira palavra de promessa para sua obra. Tornaram-se colaboradores e auxiliares de Cristo, em tudo devem ser iguais a ele; portanto, devem ser “como Cristo” para os seres humanos aos quais se dirigem. Neles, o próprio Cristo visita a casa que os recebe. São portadores de sua presença. Trazem aos seres humanos a dádiva mais preciosa, Jesus Cristo, e, com ele, a Deus o Pai, e isso significa perdão, salvação, vida, bem-aventurança. Essa é a recompensa e o fruto de seu trabalho e de seu sofrer. Cada serviço que lhes for prestado será prestado ao próprio Cristo. Isso é graça tanto para a Igreja como para os mensageiros<sup>102</sup>.

Bonhoeffer entendeu que os ministros dedicados ao Senhor e à Sua Palavra, são portadores da mensagem de Deus e através deles, o próprio Cristo serve à Sua Igreja enviando muitas bênçãos sobre ela. Por Sua graça e misericórdia, o Senhor conduz a Igreja a, igualmente, servir aos seus dedicados pregadores, dando-lhe a consciência de que, assim fazendo, estão também servindo a Cristo.

D. Martin Lloyd-Jones enfatiza a prioridade que pregadores da Palavra e Igreja devem dar ao ministério da pregação:

Ora, nesse trecho são firmadas as prioridades de uma vez para sempre. Essa é a tarefa primordial da Igreja, a incumbência primária dada aos líderes da Igreja, àqueles que foram colocados nessa posição de autoridade; e não podemos permitir que qualquer coisa nos desvie disso, por melhor que seja a

<sup>98</sup>LILLBACK. *O Calvinismo na Prática*. Pp. 104,105.

<sup>99</sup>BEEKE, JONES. *Teologia Puritana*. P. 967.

<sup>100</sup>MOLHER JR. *et al. Apascenta o Meu Rebanho*. P. 24.

<sup>101</sup>LOPES, Hernandes Dias. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. São Paulo/SP: Candeia. 2004. P. 82.

<sup>102</sup>BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8ª edição. São Leopoldo/RS: Sinodal. 2004. P. 138.

causa, por maior que seja a necessidade. Não se ponha em dúvida que essa seja a resposta direta a muito daquele falso pensamento e raciocínio a respeito dessas questões, nesta nossa época<sup>103</sup>.

Assim, a despeito das demais – e importantes – atividades que envolvem o ministério do pastor e da Igreja, é a pregação da Palavra de Deus que deve ocupar o lugar de destaque, por isso, tanto o ministro do Evangelho quanto a Igreja, devem ser cuidadosos e zelar para que ela seja pura, compreensível, relevante e fiel. Não há nenhum substituto para a pregação. Outros métodos de expressão podem ter o lugar deles no trabalho de Deus, mas o método primário de Deus está na pregação de Sua Palavra.

A motivação que move o coração dos homens a pregarem a Palavra é o zelo sincero pela pureza e simplicidade da Igreja e, sobretudo, pela glória de Deus (2Co 11.2-4)<sup>104</sup>. Como principal atividade ministerial da Igreja e do pastor, algumas considerações importantes devem ser expostas a respeito da pregação.

#### 1.2.7.1 O lugar central da pregação na adoração cristã

A adoração é mais que uma atitude litúrgica, antes, ela consiste no estilo de vida do cristão. Sendo o fim principal do homem, o glorificar a Deus e gozá-LO para sempre, fica evidente que a vida de adoração excede os limites da adoração congregacional ou daquela realizada nas devocionais domésticas, em família ou a sós. Neste tópico em especial, entende-se por “adoração”, o culto congregacional, portanto, ele diz respeito ao lugar de destaque que a pregação bíblica deve ocupar no mesmo.

Os reformadores promoveram grandes mudanças no culto público, substituindo a missa em latim e com ela, tudo o mais que a acompanhava: Os altares, os sacerdotes com seus paramentos e vestimentas especiais, além de elementos como crucifixos, velas, hóstia, relicários, imagens, rosários, etc. Calvino propôs um culto simples conforme a Igreja pré-papal<sup>105</sup>. Calvino, em especial, fez do ato central de sua liturgia, a pregação fiel da Palavra de Deus para a edificação de Seu povo<sup>106</sup>. Escrevendo sobre a importância que Calvino dava ao sermão, Wilson de Castro Ferreira afirma que o reformador de Genebra o colocava no lugar central da liturgia<sup>107</sup>. Para Calvino, não havia absolutamente nada que sobrepujasse a pregação da Palavra no culto de adoração da Igreja.

Cooperando com Beeke, Ray Lanning diz sobre a liturgia de Calvino: “*Calvino introduziu uma verdadeira liturgia da Palavra. A exposição da Escritura Sagrada era o ato central do cul-*

<sup>103</sup>LLOYD-JONES, D. Martin. *Pregação & Pregadores*. 5ª ed. São José dos Campos/SP: Fiel, 2001. P. 17.

<sup>104</sup>ANGLADA. *Introdução à Pregação Reformada*. P. 43.

<sup>105</sup>BEEKE. *Vivendo Para a Glória de Deus*. P. 249.

<sup>106</sup>Ibid.

<sup>107</sup>FERREIRA. *Calvino: Vida, Influência e Teologia*. P. 163.

to, o grande agente transformador que evocava e eliminava todos os outros atos de adoração”<sup>108</sup>. Calvino manteve um foco devocional piedoso e não o desconsiderou em seus princípios litúrgicos. Ele entendia que a pregação deveria ocupar este lugar de centralidade na adoração congregacional. Steven J. Lawson destaca esta opinião de Calvino escrevendo o seguinte:

...Calvino acreditava que a pregação bíblica deve ocupar o lugar proeminente no culto de adoração. O que Deus tem a dizer ao homem é infinitamente mais importante do que as coisas que o homem tem a dizer para Deus. A fim de que a congregação adore apropriadamente, os crentes sejam edificados e os perdidos sejam convertidos, a Palavra de Deus deve ser explicada. Nada deve tirar as Escrituras do lugar mais importante no ajuntamento público<sup>109</sup>.

Lawson conclui afirmando que Calvino defendia a exposição das Escrituras como elemento a ocupar o primeiro lugar no culto de adoração, o que significa que pregar é o papel principal do ministro<sup>110</sup>. Sendo esta a tarefa principal do ministro de Deus, ela igualmente consiste na tarefa principal de toda Igreja de Cristo, de maneira que seu ministério seja exercido com reverência (porque Deus está presente), ardor (porque consiste numa mensagem de vida), disposição (porque é uma santa convocação), entusiasmo (porque trata de realidades eternas) e prontidão (porque sua mensagem é urgente).

O culto cristão público é um sublime e reverente momento de encontro de Deus com o Seu povo congregado, onde Seu nome é honrado com expressões diversas de adoração e louvor através de orações, cânticos espirituais, dedicação de dízimos e ofertas, celebração dos sacramentos e, principalmente, com a leitura e pregação fiel das Escrituras Sagradas. Cultar deve ser um deleite para o crente e não deve ser visto como uma responsabilidade rígida, desprovida de alegria e prazer. Cada elemento do culto deve conduzir os presentes até a exposição das Escrituras, e tudo o que nele é realizado visa e promove a glória de Deus. Molher pondera o seguinte:

O que pensamos ser a pregação senão o ato central da adoração cristã? Na realidade, tudo mais no culto deve ser feito de modo a nos preparar para ouvir a pregação da Palavra, porque é nesse momento que Deus, com quem falamos e a quem adoramos, irá falar a nós por intermédio de sua eterna e perfeita Palavra<sup>111</sup>.

A Confissão de Fé de Westminster, Capítulo XXI, parágrafo I deixa claro que o culto e sua liturgia não devem ser realizados de modo impróprio, segundo os anseios, preferências ou percepções humanas. É o próprio Deus quem determina o modo aceitável pelo qual deve ser adorado e este modo está prescrito em Sua Palavra<sup>112</sup>. Este princípio ficou conhecido como “Princípio Regulador do Culto”.

Quando a Assembleia de Westminster se reuniu entre julho de 1643 até fevereiro de 1649 nas dependências da Abadia de Westminster, em Londres, além de redigir a Confissão de Fé e os

<sup>108</sup>BEEKE. *Vivendo Para a Glória de Deus*. P. 250.

<sup>109</sup>LAWSON, Steven J. *A Arte Expositiva de João Calvino*. Um perfil de homens de Deus. São José dos Campos/SP: Fiel, 2008. Pp. 38,39.

<sup>110</sup>LAWSON. *A Arte Expositiva de João Calvino*. P. 39.

<sup>111</sup>MOLHER JR. *et al. Apascenta o Meu Rebanho*. P. 25.

<sup>112</sup>*Confissão de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana*. P. 40.

Catecismos Maior e Breve, ela também elaborou um Diretório de Culto com diretrizes litúrgicas sugeridas com o propósito de auxiliar as Igrejas Reformadas da Inglaterra, Escócia e Irlanda. Tais diretrizes não deveriam ser impostas sobre as Igrejas e nem tinham isto como propósito, mas serviria como um referencial para que elas elaborassem seus próprios princípios litúrgicos.

A rica herança deixada por Calvino afirma que, entre os elementos litúrgicos indispensáveis do culto público congregacional, as Escrituras ocupam o lugar principal, sendo que, via de regra, a pregação ocupa quase a metade do tempo total da celebração. É na Palavra que Deus se revela de maneira especial e é através dela que Ele fala com Seu povo e age a seu favor, instruindo, repreendendo, corrigindo, educando e o capacitando para servi-IO (2Tm 3.16,17). O Diretório de Culto de Westminster diz ser a pregação da Palavra, uma das maiores e mais excelentes obras do ministério do Evangelho<sup>113</sup>.

John Piper observa que o significado de adoração é conhecer, admirar e desfrutar de Deus através das obras que Ele realiza, e que todas essas obras podem ser vistas em Sua Palavra e realizadas por meio dela. Citando o Sl 1.3 Piper mostra como a Palavra de Deus faz o crente ser frutífero; ele cita Hb 4.12 considerando que a Palavra de Deus é o agente de julgamento de todas as convicções e, cita ainda, Jo 17.17, onde as palavras de Jesus mostram que a Palavra de Deus é um importante elemento santificador dos crentes. O grande destaque, porém, dado por Piper acerca das obras realizadas pela Palavra de Deus, está o novo nascimento, sem o qual, simplesmente não pode existir adoração verdadeira (1Pe 1.23; Rm 10.17). É desta maneira que a Palavra de Deus é proeminente na adoração<sup>114</sup>.

Gary Phillips enumera algumas premissas importantes acerca da centralidade da pregação na adoração cristã, quais são: a) A pregação da Palavra torna inteiramente conhecido o Deus a quem se deve adorar; b) A pregação da Palavra provê o estímulo adequado para o louvor público e corporativo; c) A pregação da Palavra liberta o crente para o louvor público e corporativo; d) A pregação da Palavra é visitada pela glória de Deus; e) A pregação da Palavra coroa o louvor com a Palavra imediata de Deus para o Seu povo<sup>115</sup>.

#### 1.2.7.2 A primazia da pregação

A pregação justifica sua primazia por causa de seu conteúdo inspirado – ela é a Palavra de Deus. A natureza da Palavra é divina, ainda que seja proclamada por um arauto humano. Sua

<sup>113</sup> *O Diretório de Culto de Westminster*. São Paulo/SP: Os Puritanos. 2000. P. 36.

<sup>114</sup> PIPER, John. *O lugar da pregação na adoração*. Disponível em <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-lugar-da-pregacao-na-adoracao/>. Acessado em 23/09/2022.

<sup>115</sup> PHILLIPS, Gary. *Pregação – Um Ato de Adoração*. Em: *Os Puritanos*. São Paulo/SP: Os Puritanos. Ano VII, nº 4. out.-dez. 1999. P. 19.

origem é o céu, por isso, ocupa destacado lugar na vida do povo de Deus. A Igreja de Deus pode existir sem edifícios, sem liturgia e até mesmo sem credos. Entretanto, não pode, de forma alguma, existir sem a pregação bíblica. A pregação alcança muito mais pessoas do que qualquer outro ofício que o pregador pode exercer como ensinar, visitar, administrar ou aconselhar<sup>116</sup>.

Os primeiros cristãos compreenderam a singularidade da pregação. É notório nas Escrituras o compromisso da Igreja Primitiva com a tarefa de pregar a Palavra de Deus. Quando Felipe desceu a Samaria ele pregou a Palavra (At 8.5); quando Pedro compareceu perante o centurião romano em Cesaréia, ele afirmou que o Senhor os havia ordenado que pregassem (At 10.42); quando os filósofos atenienses conjecturavam sobre quem seria Paulo, disseram que parecia um pregador (At 17.18). Os atenienses estavam certos em suas desconfianças, uma vez que Paulo, de fato, tinha a pregação como sua principal atividade. Ele mesmo declara isso à Igreja de Corinto: *“Porque não me enviou Cristo para batizar, mas para pregar o Evangelho”* (1Co 1.17).

Portanto, a primazia da pregação na atividade ministerial do pastor e da Igreja repousa na condição singular das Escrituras como Palavra de Deus. Se o Senhor não tivesse falado, conseqüentemente o pregador e a Igreja não teriam absolutamente nada para falar, nenhuma mensagem para entregar, nenhum Rei para representar. Entretanto, Deus não se calou e, por isso, Sua Palavra precisa ser anunciada para que Sua voz permaneça ecoando por intermédio de Seus arautos. Este é o grande fundamento que coloca a pregação num lugar de primazia.

A história da redenção mostra que a pregação sempre ocupou esta elevada posição. O próprio Deus foi o primeiro pregador, já no Éden (Gn 3.9-19). A criação prega diariamente uma mensagem aos olhos de todas as pessoas (Sl 19.1-6; Rm 1.20). Os profetas, os sacerdotes e os apóstolos foram pregadores e no ministério de Jesus, a pregação também ocupou uma posição de centralidade (Mt 4.23), sendo ela Sua maior e principal tarefa.

Os Evangelhos sinópticos sintetizam a atividade ministerial de Jesus em três frentes: Pregação, ensino e cura (Mt 4.23; Mc 1.39; Lc 4.44). A mensagem pregada por Jesus consistia na boa nova do Reino de Deus com uma lequente convocação ao arrependimento dos pecados e a fé no Evangelho (Mt 9.35; Mc 1.14,15; Lc 4.43). Através de Sua pregação Jesus anunciou e mostrou que, através dEle e de Sua obra, o Pai interviu na história a fim de inaugurar Seu Reino de justiça e prover a salvação de Seus eleitos<sup>117</sup>.

Sobre o ministério de pregação de Jesus, é preciso fazer um destaque. A pregação de Jesus era contida de toda plenitude da bondade divina; ela era um poderoso brado de compaixão e urgência. Sua pregação era um convite à consciência, à razão, à imaginação e aos sentimentos de

<sup>116</sup>LOPES. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. P. 82.

<sup>117</sup>TENNEY. *Enciclopédia da Bíblia*. Volume 4. P. 1038.

todos aqueles que o ouviam. Ele conseguia isso através da verdade e da graça divina, que produziam efeitos urgentes e eficazes<sup>118</sup>.

Jesus aceitou o título de mestre, porque de fato, Ele o era, e diante de Pilatos, estando prestes a ser entregue para ser crucificado, afirmou que viera ao mundo exatamente para dar testemunho da Verdade (Jo 13.13; 18.20,37), confirmando todas as realizações de Seu ministério e deixando explícito para o governador quem realmente Ele era. O exemplo da pregação de Jesus é o mais marcante da Igreja cristã. A extrema coerência de Jesus é revelada ao longo de Sua vida e obra, inclusive em Sua própria morte: Jesus levou à cruz a impossibilidade de separar palavra e ação. “*A última pregação de Jesus é sua paixão e morte*”<sup>119</sup>.

Jesus sempre pregava mostrando a relação das Escrituras consigo mesmo, com a história, com o propósito moral, com a conduta social e com o destino do homem. Jesus, em um só discurso, proclamava, ensinava e evangelizava, com toda a desenvoltura e perspicácia. Sua pregação levava as pessoas a estimular a mente, levando-os a ver, sentir, avaliar, e tomar decisões morais. Assim Jesus pregava e transmitiu a mesma fórmula aos apóstolos<sup>120</sup>.

Seguindo o exemplo do Mestre, os apóstolos de Jesus também deram prioridade ao ministério da pregação, dedicando-se a ele juntamente com a oração (At 6.4). Quando foram comissionados pelo Senhor para fazerem discípulos, o método definido foi a pregação e o ensino do Evangelho (Mt 28.18-20; Mc 16.15). Entre os apóstolos, os nomes que mais se destacaram no ministério da pregação foram primeiramente Pedro e, logo em seguida, Paulo. Ambos sustentaram um ministério de pregação marcado por grande impacto, atraindo multidões, impressionando autoridades e sábios e estabelecendo a transformação de muitas vidas.

Anglada descreve algumas particularidades e o lugar da pregação no ministério dos apóstolos apontando os seguintes destaques: a) No seu chamado e comissão (Mc 3.14; 6.12; 16.15; Lc 9.20); b) Nas palavras de Pedro em At 10.42 e nas de Paulo em 1Co 1.17; c) Na decisão apostólica de At 6.2-4; d) Na prática ministerial adotada pelos apóstolos e registrada em todo livro de Atos.<sup>121</sup>

Analisando o texto de At 6.4, Charles R. Swindoll fornece uma visão consistente do ministério de pregação dos apóstolos afirmando que...

Nenhuma preocupação corriqueira, nenhuma necessidade urgente, nenhuma prioridade, nem mesmo as queixas no seio da assembleia diminuíram a ênfase sobre a instrução bíblica. Nada fazia a liderança da igreja primitiva renunciar ao ministério da Palavra. As boas novas da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo eram declaradas fielmente, tanto assim que novos convertidos eram continuamente acres-

<sup>118</sup>SILVA, Severino Pedro da. *Homilética*. O pregador e o sermão. 11ª ed. Rio de Janeiro/RJ: CPAD. 2004. P. 15.

<sup>119</sup>STRECK, Edson E. *A Prédica ao Longo da História da Igreja*. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/939/911](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/939/911). Acesso em 13/10/2022.

<sup>120</sup>BROADUS, John. *Sobre a Preparação e a Entrega de Sermões*. São Paulo/SP: Custom. 2003. P. 22.

<sup>121</sup>ANGLADA. *Introdução à Pregação Reformada*. P. 40.

centados à igreja. (...) Enquanto a igreja com todos aqueles novos cristãos crescia, aumentava cada vez mais a necessidade de instrução sólida da Palavra de Deus<sup>122</sup>.

Não somente no contexto bíblico, mas também no histórico, é notória a relevância da pregação da Palavra de Deus e a primazia que ela recebeu com os reformadores, com os puritanos e nos grandes avivamentos. D. Martin Lloyd-Jones assim afirma: “*Não se pode ler a história da Igreja, mesmo de forma superficial, sem perceber que a pregação sempre ocupou posição central e predominante na vida da Igreja, particularmente no protestantismo*”<sup>123</sup>.

Precisa-se urgentemente desse reavivamento no púlpito contemporâneo. Precisa-se de homens inflamados pelo Espírito Santo, dispostos a fazer do ministério da pregação da Palavra o seu maior ideal. Apesar da depreciante situação contemporânea, onde uma considerável parte da Igreja tem se desviado de seu propósito bíblico em todo mundo, a pregação da Palavra de Deus precisa e deve ter a sua primazia afirmada ou devolvida, afinal de contas, apesar de a presente situação torná-la mais difícil, ela não a torna menos necessária<sup>124</sup>.

A necessidade da primazia da pregação da Palavra na presente época é urgente e perfeitamente cabível para os ministros do Evangelho na administração da Igreja e seu ministério. É preciso que pastores, presbíteros, demais lideranças e toda Igreja, envide todos os esforços para buscar reavivar o interesse e a paixão pela verdadeira pregação bíblica, compreendendo que, assim como ela recebeu esta primazia no passado, ela deve continuar recebendo no presente e também no futuro.

Como Verdade absoluta e única, infalível e inerrante regra de fé e prática para o povo de Deus, as exortações bíblicas são plenamente suficientes para encorajar os ministros do Evangelho e toda Igreja a primarem pela pregação da Palavra no ministério. A exortação paulina a Timóteo (2Tm 4.1-5) mostra-se cada vez mais atual:

Conjuro-te, perante Deus e Cristo Jesus, que há de julgar vivos e mortos, pela sua manifestação e pelo seu reino: **prega a palavra, insta, quer seja oportuno, quer não, corrige, repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina. Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas.** Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de um evangelista, **cumpra cabalmente o teu ministério**<sup>125</sup>.

Escrevendo aos coríntios, Paulo apresenta de forma ímpar, o seu compromisso apostólico com a primazia da pregação (1Co 1.17-25):

Porque não me enviou Cristo para batizar, mas **para pregar o evangelho**; não com sabedoria de palavra, para que se não anule a cruz de Cristo. **Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvos, poder de Deus.** Pois está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos instruídos. Onde está o sábio? Onde, o escriba? Onde, o

<sup>122</sup>SWINDOLL, Charles R. *A Noiva de Cristo*. Renovando nossa paixão pela Igreja. São Paulo/SP: Vida. 1996. P. 46.

<sup>123</sup>LLOYD-JONES. *Pregação & Pregadores*. P. 8.

<sup>124</sup>STOTT. *Eu Creio na Pregação*. P. 9.

<sup>125</sup>Ênfases minhas.



inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria do mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, **aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação**. Porque tanto os judeus pedem sinais, como os gregos buscam sabedoria; **mas nós pregamos a Cristo crucificado**, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, **pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus**. Porque a loucura de Deus é mais sábia do que os homens; e a fraqueza de Deus é mais forte do que os homens<sup>126</sup>.

Além de afirmar a singularidade da pregação da Palavra de Deus, as palavras do apóstolo Paulo alertam para uma característica essencial e urgente da pregação – a sua cristocentricidade.

### 1.2.7.3 A cristocentricidade da pregação

A pregação centrada na Pessoa e na obra de Jesus tem sido assunto abordado em diversas obras literárias e tem sido amplamente estudada nas instituições de ensino teológico. Timothy Keller afirma que *“a chave para pregar o evangelho é pregar Cristo sempre”*<sup>127</sup>. A Declaração de Chicago sobre Hermenêutica Bíblica afirma: *“Afirmamos que a pessoa e a obra de Jesus Cristo são o foco central de toda a Bíblia”*<sup>128</sup>. Sendo este o foco das Escrituras, logo, também o é da pregação das Escrituras. A hermenêutica centrada na Pessoa e obra de Jesus foi uma das marcas da Reforma Protestante.

No livro de Atos encontram-se alguns dos sermões mais conhecidos da história da Igreja. Neles, os pregadores fazem uso do Antigo Testamento para pregarem a Jesus Cristo. Os clássicos sermões de Pedro após o Pentecostes (At 2.14-36) e de Estevão, diante das autoridades judaicas, antes de ser martirizado (At 7.2-53). Ambos fizeram uma detalhada exposição bíblica apontando para Cristo. Também há os exemplos de Felipe que pregou a Cristo expondo o profeta Isaías ao eunuco etíope (At 8.32-35) e de Paulo em Antioquia da Psídia pregando a Jesus a partir da história de Israel no Antigo Testamento (At 13.13-43). Estes são grandes exemplos bíblicos de pregações centradas na Pessoa e obra de Jesus, a partir de passagens do Antigo Testamento.

Fesko diz que *“uma abordagem centrada em Cristo para as Escrituras não é de forma alguma uma imposição sobre o texto, mas é como o próprio Cristo os entendeu”*<sup>129</sup>. O supremo conteúdo da pregação bíblica deve ser a Pessoa de Jesus Cristo, a Palavra que se fez carne e habitou no meio dos homens (Jo 1.1-14). A Pessoa e obra de Jesus deve nortear toda pregação. Lutero insistia neste ponto de maneira impetuosa. Ele era entusiasmado no tocante a necessidade e importância da pregação impregnada de Cristo.

<sup>126</sup>Ênfases minhas.

<sup>127</sup>KELLER, Timothy. *Pregação*. Comunicando a fé na era do ceticismo. São Paulo/SP: Vida Nova. 2017. P. 87.

<sup>128</sup>GOLDSWORTHY. *Pregando Toda Bíblia Como Escritura Cristã*. P. 145.

<sup>129</sup>FESKO. *Preaching as a means of grace and the doctrine of sanctification: A Reformed perspective*. P. 54. Minha tradução.

Peter White cita John Owen que afirma ser o fundamento da pregação, a morte, humilhação e ascensão de Cristo<sup>130</sup>. George Whitefield, o ardoroso pregador metodista inglês do século XVII, seguiu a tendência de Lutero, insistindo ser Jesus Cristo a única coisa necessária no ministério da pregação. Whitefield procurou ver Cristo em toda Escritura e cria que a Palavra escrita deveria conduzir as pessoas a uma profunda experiência com Jesus Cristo<sup>131</sup>. Tim Keller igualmente insiste nesta necessidade de encontrar e anunciar a Cristo em cada texto das Escrituras. Ele assim escreve:

A forma mais eficiente de evitar a pregação moralista é certificar-se de sempre anunciar Jesus como ponto e mensagem principal de cada texto. Se você não levar os ouvintes a Cristo antes de terminar o sermão, deixará a impressão de que a mensagem basicamente gira em torno deles – do que eles devem fazer. No entanto, sabemos por textos como Lucas 24.13-49 que, para Jesus, cada aspecto da Bíblia apontava para ele e para sua obra redentora. Não quer isso dizer que o autor de cada texto bíblico tenha intencionalmente feito referências a Jesus, mas que, se colocarmos cada texto em seu contexto canônico mais amplo, será possível discernir as conexões que apontam para Cristo<sup>132</sup>.

Bryan Chapell ensina que a Pessoa de Jesus e a mensagem de Jesus são inseparáveis, e Deus usa as verdades da Escritura como veículo para Sua atividade espiritual. A Palavra é poderosa porque Deus está presente nela e opera por meio dela<sup>133</sup>. O poder da Palavra está em Deus, Sua Fonte natural. Whitefield mantinha tais convicções e entendia que a pregação do Evangelho de Cristo deveria ser segundo a experiência vivida pelo próprio pregador. O poder de Deus pregado pelo mensageiro da Palavra deve ter sido antes, experimentado por ele mesmo, de maneira que este a transmita de maneira real e experiencial<sup>134</sup>.

A essência da Palavra é Cristo e a própria Palavra testemunha que a substância do Evangelho é o próprio Senhor Jesus (At 8.5; 19.13; 2Co 4.5; 11.4; Fp 1.15), manifestado em carne (1Tm 3.16) e crucificado (1Co 1.23). Jesus Cristo é descrito como o escândalo da cruz (Gl 5.11) e a Sua ressurreição (1Co 15.11,12). É Jesus como o Supremo Juiz de vivos e mortos (10.42) e o Seu ensino (Mt 10.27; Lc 12.3)<sup>135</sup>.

Todo desígnio de Deus, toda palavra de fé, exortações diversas, admoestações e alertas, o Reino de Deus, redenção e condenação, vida e morte, etc., constituem o conteúdo geral das Escrituras e que convergem em Cristo. Para abranger todos estes aspectos da Palavra, a pregação, portanto, precisa ser cristocêntrica. Fesko defende a tese de que o pregador precisa encontrar

<sup>130</sup>WHITE. *O Pastor Mestre*. P. 66.

<sup>131</sup>LAWSON, Steven J. *O Zelo Evangelístico de George Whitefield*. Um perfil de homens de Deus. São José dos Campos/SP: Fiel, 2014. Pp. 50,51.

<sup>132</sup>KELLER, Timothy. *Igreja Centrada*. Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho. São Paulo/SP: Vida Nova, 2014. P. 94.

<sup>133</sup>CHAPPELL, Bryan. *Pregação Cristocêntrica*. Restaurando o sermão expositivo, um guia prático e teológico para a pregação bíblica. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2002. P. 19.

<sup>134</sup>LAWSON. *O Zelo Evangelístico de George Whitefield*. P. 52.

<sup>135</sup>ANGLADA. *Introdução à Pregação Reformada*. P. 41.

Cristo em cada texto bíblico, de maneira cuidadosa, sem alegorizações, e expor uma mensagem cristocêntrica:

O primeiro princípio-chave para a pregação sadia é que ela se concentra em Cristo, independentemente do texto. Isso não quer dizer que os intérpretes devam eisegetar as Escrituras e forçar Cristo em passagem onde Ele não está presente. Em vez disso, quando o intérprete chega a qualquer passagem Escritura, ele deve reconhecer corretamente de que maneira Cristo está organicamente conectado ao texto em questão<sup>136</sup>.

Spurgeon foi um defensor eloquente da pregação cristocêntrica, ensinando a seus discípulos a desenvolverem seus sermões sob esta perspectiva redentiva. O Príncipe dos Pregadores assim afirma: “*Preguem a Cristo, sempre e para sempre. Ele é todo o evangelho. Sua pessoa, seus ofícios e sua obra devem constituir o nosso grande e todo-abrangente tema. O mundo continua precisando ouvir falar de seu Salvador e do caminho para chegar a Ele*”<sup>137</sup>.

A cristocentricidade da pregação de Spurgeon fez dele um dos maiores evangelistas da história da Igreja. Spurgeon chegou a dizer que preferia falar às pessoas e apontar para a cruz de Cristo do que estar entre os anciãos que se prostram diante do trono e ali depositam suas coras aos pés do Senhor. Para ele, um sermão que não ganhasse almas era um desperdício de energia do pregador<sup>138</sup>.

Chapell ensina que a pregação da Palavra de Deus não tem o propósito somente de instruir os ouvintes. Uma vez que Deus é ativo em Sua Palavra, promovendo as mudanças necessárias nos ouvintes, entende-se que a pregação é um evento redentor<sup>139</sup>. Na pregação Deus está agindo pela ação do Espírito Santo, na salvação, santificação, consolo, admoestação e ensino dos Seus eleitos.

Oswald Smith sustenta que a Pessoa e obra de Cristo devem ser o conteúdo de toda pregação, e ele o faz tomando como base para suas afirmações, o texto de At 8.5: “*Filipe, descendo à cidade de Samaria, anunciava-lhes a Cristo*”<sup>140</sup>. A convicção que ardia no coração de Smith e que o levou a ser um grande entusiasta da obra missionária de reconhecimento mundial é a de que o trabalho do cristão é pregar a Cristo<sup>141</sup> e de fato, esta é a sagrada missão que à Igreja foi confiada pelo Senhor.

Caso o pregador ignore o princípio da cristocentricidade da pregação bíblica, correrá o sério risco de se tornar um mensageiro legalista e doutrinar uma audiência igualmente legalista. A

<sup>136</sup>FESKO. Preaching as a means of grace and the doctrine of sanctification: A Reformed perspective. P. 44. Minha tradução.

<sup>137</sup>SPURGEON, C.H. *Lições aos Meus Alunos – Homilética e Teologia Pastoral, Vol. II*. São Paulo/SP: PES. 1980. P. 101.

<sup>138</sup>LAWSON, Steven J. *O Foco Evangélico de Charles Spurgeon*. Um perfil de homens de Deus. São José dos Campos/SP: Fiel. 2017. P. 93.

<sup>139</sup>CHAPPELL, Bryan. *O Sermão Cristocêntrico*. Modelos para a pregação redentiva. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2017. P. 9.

<sup>140</sup>SMITH, Oswald J. *O Homem que Deus Usa*. São Paulo/SP: Livraria dos Evangélicos. S/D. P. 71.

<sup>141</sup>Ibid. P. 74.

grande quantidade de exortações contida nas Escrituras e a necessidade de sua exposição, fatalmente tornarão a pregação legalista, caso seja ela desprovida de Cristo. É Cristo que transmite graça à pregação e é nEle que as exortações encontram verdadeiro sentido, uma vez que o foco não será nas exortações determinadas e nem na competência dos fiéis em cumpri-las, mas no Senhor Jesus que concede Sua graça estendendo-lhes Sua bondade e, assim, ajudando-os no cumprimento dos preceitos.

Uma pregação desprovida do foco cristocêntrico, inevitavelmente apelará para as capacidades e disciplina humanas e nelas colocará todas as expectativas para se alcançar a santificação. Este tipo de pregação centraliza o homem e alimenta seu ego ao mesmo tempo em que o priva de descansar seu coração no Senhor. A cristocentricidade da pregação, em contrapartida, expõe a Jesus Cristo e para Ele aponta, a fim de que os crentes depositem nEle, toda sua confiança e expectativas e descansando em Sua graça.

É confiado nas afirmações da própria Palavra que o pastor e a Igreja devem descansar e se reanimar em sua santa vocação. Mesmo diante de tão horrenda crise espiritual e moral que o mundo vive, a Igreja deve primar pela pregação bíblica fiel e substancial, sem permitir que as influências perniciosas do mundanismo vigente estabeleça qualquer conexão com seu trabalho. Mohler pondera que os pregadores se veem em situações de apuros quando são fiéis:

Ser chamado para pregar é uma tarefa grandiosa. Seu trabalho é árduo, mas, na maioria das vezes, você não vê resultados (...) Ainda mais, esse ramo de atividade tem uma característica: pôr você em apuros. Parece que, quanto mais fiel for a sua pregação, mais problemas você vai encontrar. Por quê? Há conflitos e controvérsias. Você prega a Palavra. Você não está inventando nada. Não é sua opinião pessoal e também não é algo que você tenha criado para ofender as pessoas. Você simplesmente está pregando a Palavra. Afinal de contas, é o seu trabalho<sup>142</sup>.

Ainda sobre isso, Valdeci da Silva Santos postula que a verdadeira pregação do Evangelho envolve o ensino, a comunicação doutrinária a favor da renovação e da transformação da mente e do coração humano. Ele ainda afirma que, primando pela pregação, o ministro cristão zeloso, pode orar como Moisés orou: *“Goteje a minha doutrina como a chuva, destile a minha palavra como o orvalho, como chuvisco sobre a relva e como gotas de água sobre a erva. Porque proclamarei o nome do SENHOR. Engrandeci o nosso Deus”* (Dt 32.2,3)<sup>143</sup>.

#### 1.2.7.4 A pregação como marca essencial da Igreja verdadeira

A identificação e definição da Igreja mediante marcas visíveis não é uma questão afirmada somente pelos cristãos protestantes. Apesar de a tradição reformada trazer consigo esta ênfase de maneira mais marcante em seu entendimento acerca da Igreja, entendendo que a verdadeira Igre-

<sup>142</sup> MOLHER JR. *et al.* *Apascenta o Meu Rebanho*. Pp. 21,22.

<sup>143</sup> SANTOS, Valdeci da Silva. *Considerações Sobre Púlpito e a Doutrina: Resgatando a Importância da Pregação Doutrinária. Fides Reformata*, v. 8, n. 2, jul./dez., 2003. P. 128. Ênfases minhas.

ja de Cristo é caracterizada por algumas marcas distintivas, a Igreja Católica Apostólica Romana também afirma possuir a Igreja algumas marcas essenciais. Com base no Credo Niceno, os teólogos católicos romanos estabeleceram sua *notae ecclesiae* (“marcas da igreja”) como sendo quatro: A sua unidade, santidade, catolicidade e apostolicidade<sup>144</sup>.

Os primeiros reformadores reagiram à definição afirmada pelo romanismo e estabeleceram suas próprias *notae ecclesiae*, onde concordavam acerca da existência de aspectos ou características essenciais da verdadeira Igreja de Cristo que poderiam ser identificadas pelos fiéis. Lutero a princípio listou sete marcas da Igreja, depois, porém, ele as reduziu a apenas duas: A pura ministração da Palavra e dos sacramentos.

Calvino, igualmente a Lutero, afirmou a pura ministração da Palavra de Deus e dos sacramentos como as marcas essenciais da Igreja de Cristo. Para Calvino “*onde vemos a Palavra de Deus pregada e ouvida com pureza, existe ali, sem dúvida alguma, uma igreja de Deus*”<sup>145</sup>. Posteriormente, algumas confissões reformadas (como a Confissão Gaulesa, a Confissão Belga e a Primeira Confissão Escocesa) e outros teólogos acrescentaram a estas, uma terceira marca: O exercício fiel da disciplina eclesiástica<sup>146</sup>. Portanto, é comum a compreensão reformada de que as marcas da verdadeira Igreja de Cristo serem a pregação fiel das Escrituras, a administração correta dos sacramentos e a aplicação piedosa da disciplina eclesiástica.

Concordando com teólogos reformados clássicos como Theodoro Beza e François Turretini, o teólogo holandês Herman Bavinck afirma haver apenas uma marca da Igreja verdadeira, a saber, a pura ministração da Palavra. Estes teólogos afirmam que realmente existe apenas uma marca da Igreja, que é a única Palavra, que é ministrada e confessada na pregação, instrução, confissão, sacramentos, etc. Bavinck assim afirma:

*Todo ministério na igreja é um ministério da Palavra. Deus dá sua Palavra à igreja e a igreja a aceita, preserva, ministra e ensina; ela a confessa diante de Deus, diante uns dos outros e diante do mundo em palavras e atos. Em uma marca da igreja as outras estão incluídas como aplicações específicas. Onde a Palavra de Deus é corretamente pregada, ali também o sacramento é ministrado de forma pura, a verdade de Deus é confessada em harmonia com o intento do Espírito e a conduta das pessoas é moldada de forma harmoniosa*<sup>147</sup>.

Não há nada na Igreja que seja divorciado da Palavra de Deus. A Igreja é edificada, mantida, orientada e alimentada pela Palavra de Deus. Suas doutrinas, práticas e cosmovisão são definidas e dominadas pela Palavra de Deus. A Palavra define a Igreja e seu ministério. Concordando com esta visão, Louis Berkhof escreve:

*Estritamente falando, pode-se dizer que a fiel pregação da Palavra e seu reconhecimento como padrão de doutrina e vida [ou seja, de fé e prática], é a marca por excelência da igreja. Sem ela não há*

<sup>144</sup>BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada*. Volume 4. P.312.

<sup>145</sup>CALVINO, João. *As Institutas, ou Tratado da Religião Cristã, Vol. IV*. São Paulo/SP: Casa Editora Presbiteriana. 1989. p. 12.

<sup>146</sup>BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada*. Volume 4. P. 316.

<sup>147</sup>BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada*. Volume 4. P. 316.

*igreja, e ela determina a reta administração dos sacramentos e o fiel exercício da disciplina da igreja*<sup>148</sup>.

Completando seu raciocínio, Berkhof diz que a fiel pregação da Palavra é a mais importante marca da Igreja porque sua instituição independe dos sacramentos, enquanto estes estão sujeitos a ela<sup>149</sup>. Pode-se afirmar esta mesma superioridade da pregação em relação ao exercício da disciplina, haja vista ser ela a base para o exercício disciplinar eclesiástico. Portanto, a fiel e pura pregação da Palavra de Deus consiste na principal marca da Igreja de Cristo, ocupando igualmente o lugar principal na adoração congregacional e, também, possuir a primazia no exercício ministerial do pastor e de toda Igreja.

---

<sup>148</sup>BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. P. 580.

<sup>149</sup>Ibid.

## 2 OS OBJETIVOS DA PREGAÇÃO BÍBLICA

Como o principal meio de graça para a Igreja, a pregação da Palavra de Deus não consiste de uma atividade avulsa, sem finalidade alguma definida. Segundo o conselho de Sua vontade, Deus estabeleceu o ministério da pregação para que este pudesse atingir propósitos específicos e definidos por Ele. É de vital importância que os pregadores jamais se esqueçam de que a pregação bíblica, sendo o principal meio de graça divinamente instituído, carrega consigo alguns propósitos específicos e que o seu alcance depende da entrega fiel da mensagem. A pregação deve ser eficaz. Ela deve transformar vidas, e não simplesmente prover informação. Joseph M. Stowell afirma assim a respeito disso:

Seria mais produtivo mirar algo mais realista e atingível para nossa pregação. Se nosso alvo não pode ser a grandeza, pode certamente ser a eficácia. Todos podemos ser eficazes na pregação que transforma. Nossa grandeza, quando buscada por nós e para nós, focaliza o processo em nós e tende ao orgulho, à auto-realização, à auto-promoção e à auto-afirmação. Nada pode ser tão perigoso à eficácia da pregação. A eficiência, por sua vez, focaliza os resultados pretendidos na pregação. Sou eficaz não quando imagino que sou grande, mas quando a intenção de Deus no decorrer de minha pregação verdadeiramente se cumpre<sup>150</sup>.

Chapell insiste que o propósito final do sermão não é fascinar, informar a mente ou impactar a mente, mas confrontar a mente e o coração dos ouvintes com a verdade bíblica com o objetivo de conformar a vontade das pessoas aos propósitos de Cristo<sup>151</sup>. Os meios de graça foram instituídos para transmitir aos eleitos de Deus, as Suas bênçãos especiais. No cumprimento deste propósito principal, há diversos outros propósitos derivados deste que a pregação da Palavra de Deus alcança. Algumas destes propósitos são se destacam e precisam ser explicados de maneira mais particular.

### 2.1 A PREGAÇÃO VISA A GLÓRIA DE DEUS

O objetivo supremo de Deus é glorificar-Se a Si mesmo. Tudo aquilo que Deus estabeleceu na criação, foi feito para Sua própria glória e louvor (Sl 19.1). Igualmente o Senhor se gloria na redenção do ser humano de seu cativeiro do pecado (Ef 1.3-14). A Igreja tem como missão principal glorificar a Deus, sobretudo, através da adoração. A adoração é a resposta do povo de Deus ao Senhor, reconhecendo Sua graça, misericórdia e bondade dispensados e expostos em Seus atos redentores, sobretudo no envio de Seu Filho Jesus para morrer por seus pecados.

Assim como a Igreja do Senhor milita enquanto adora e adora enquanto milita, os ministros do Evangelho igualmente exercem suas funções visando sumariamente a glória de Deus. Toda ênfase de seu trabalho deve ser a supremacia de Deus e não a centralidade do homem. Seus

<sup>150</sup>STOWELL, Joseph M. *Pastoreando a Igreja*. Liderança espiritual eficaz numa cultura em transformação. São Paulo/SP: Vida. 2000. P. 250.

<sup>151</sup>CHAPELL. *O Sermão Cristocêntrico*. P. 11.

esforços, dedicação e exaustão na tarefa devem exaltar e glorificar ao Senhor. Não há no ministério cristão, um pedestal para os arautos. O Senhor é quem é exaltado no ministério da pregação. Assim, a pregação da Palavra deve visar a glória de Deus e não a do homem<sup>152</sup>. Calvino afirma que o homem não deve buscar seus próprios interesses, mas buscar aquilo que compraz ao Senhor e contribui para promover Sua glória<sup>153</sup>.

Tim Chester e Marcus Honeysett ensinam que o dever dos pregadores é pregar a glória de Deus para a glória de Deus e que a glória de Deus é tanto o conteúdo da pregação como também é o seu objetivo<sup>154</sup>. John Piper dedicou várias laudas ao tema da glória de Deus e da glorificação de Deus, sobretudo quando aborda a vida e a obra de Jonathan Edwards. Piper afirma que, a pregação da Palavra que não leva consigo a grandeza de Deus, pode proporcionar entretenimento às pessoas por certo tempo, porém, não tocará o brado oculto da alma: “Mostra-me a sua glória!”<sup>155</sup> Quando o pregador da Palavra prega sobre a glória de Deus, ele glorifica a Deus, e leva a Igreja a fazer o mesmo. Piper ainda afirma que:

A tarefa do pregador cristão não é dar ao povo conselhos moralistas ou psicológicos sobre como se dar bem no mundo. Qualquer outra pessoa pode fazer isto. Mas a maioria de nosso povo não tem ninguém no mundo que lhes fale, semana após semana, sobre a suprema beleza e majestade de Deus<sup>156</sup>.

Para cumprir seu propósito de glorificar a Deus, a pregação deve ser impregnada de Deus. Deve ser cheia de Deus. Para transmitir a graça de Deus, ela deve ser saturada de Deus. A Trindade santíssima deve nortear toda pregação. As palavras do apóstolo Paulo em Rm 11.36, dizem respeito a todo ministério cristão, especialmente no tocante a pregação: “*Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas. A ele, pois a glória eternamente*”. A vida e a obra de Paulo eram dedicadas ao Senhor e objetivavam a Sua exaltação e promoção de Sua glória.

De maneira convicta Stowell afirma que o propósito do pregador é transmitir a Palavra de Deus para a glória de Deus, para que assim, as pessoas possam ser ligadas a Ele, para que possam ser transformadas à imagem de Jesus Cristo e para que suas vidas glorifiquem ao Senhor Todo-Poderoso e promovam Seu reino<sup>157</sup>. Na mesma linha de raciocínio, o pregador escocês James Stewart colocou dessa maneira os alvos da pregação bíblica: “*Despertar a consciência através da santidade de Deus, alimentar a mente com a verdade de Deus, purificar a imaginação através da beleza de Deus, abrir o coração para o amor de Deus, devotar a vontade ao propósito de Deus*”<sup>158</sup>.

<sup>152</sup> LOPES. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. P. 97.

<sup>153</sup> CALVINO, João. *A Verdadeira Vida Cristã*. São Paulo/SP: Novo Século. 2000. P. 30.

<sup>154</sup> CHESTER, Tim, HONEYSETT, Marcus. *Pregação Centrada no Evangelho*. Para pregar e dirigir estudos bíblicos como Deus quer. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2017. P. 31.

<sup>155</sup> PIPER. *Supremacia de Deus na Pregação*. P. 9.

<sup>156</sup> Ibid. Pp. 9,10.

<sup>157</sup> STOWELL. *Pastoreando a Igreja*. P. 255.

<sup>158</sup> STEWART apud PIPER. *Supremacia de Deus na Pregação*. P. 19.



O declínio da pregação contemporânea tem trazido consigo uma constante inversão de valores, especialmente através de ensinamentos controversos e falaciosos, como as famigeradas “teologia da prosperidade”, a confissão positiva e toda estrutura de ensino batalha espiritual que a acompanha e, recentemente, de maneira mais popular, o teísmo aberto. Estes tipos de pensamentos teológicos tem permeado o conteúdo das pregações em substituição de seu verdadeiro conteúdo. Esses falsos ensinamentos colocam o homem no trono e, por conseguinte, usurpam a majestade de Deus<sup>159</sup>.

O ensino teológico da prosperidade, por exemplo, faz com que o homem seja “endeusado” e Deus “humanizado”. Não há preocupação em glorificar e exaltar ao Senhor Todo-Poderoso. Neste tipo de ensino, o homem é o centro das atenções com uma atuação semelhante a de um exigente cliente, enquanto Deus se torna uma espécie de “balconista” ou “garçon”, que deve satisfazer todos os desejos do cliente, afinal, como afirma o velho ditado: “O freguês tem sempre razão”. Na confissão positiva, Deus deve se submeter aos ousados e determinativos pronunciamentos orais dos homens, enquanto no teísmo aberto os homens destronam Deus de Sua posição de soberania e poder, despiando-O de Sua glória e poder, reduzindo-O a uma condição tão insignificante que beira o ridículo.

A tradição reformada sempre estabeleceu como alvo da pregação da Palavra, a exaltação da majestade de Deus. Jonathan Edwards dedicou muitas páginas em enaltecer a glória de Deus. Quando viu o Senhor assentado num alto e sublime trono, tendo seres angelicais voando ao Seu redor, cobrindo o rosto e declarando Sua santidade uns para os outros, o profeta Isaías caiu de joelhos reconhecendo sua condição de perdido pecador, profundamente estupefato e dramaticamente impactado pela glória, santidade e majestade de Deus. Isaías foi despertado pela glória de Deus e transformado por ela. Foi a partir desta notável experiência que o Senhor o comissionou para em Seu nome, profetizar ao Seu povo (Is 6.1-13).

Calvino entendia que o alvo da pregação da Palavra é honrar a Deus, restaurar vidas, dar testemunho da verdade e da salvação. O pregador da Palavra deve ter como alvo principal, a Pessoa de Deus. Ele deve pregar a Palavra para que Deus seja glorificado. O simples ato de declarar o Evangelho já consiste em um louvor e exaltação ao Senhor pelos Seus grandiosos feitos<sup>160</sup>. Na pregação solene de Sua Palavra, Deus tanto abençoa o Seu povo actual, quanto deve ser glorificado por ele.

A glória de Deus é, sem dúvida, a finalidade principal do ministério da pregação da Palavra. Baxter afirma que “o fim principal da nossa supervisão pastoral deve estar ligado ao su-

<sup>159</sup>LOPES. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. P. 98.

<sup>160</sup>Ibid. P. 99.

*premo propósito de nossas vidas. Esse propósito é agradar e glorificar a Deus*”<sup>161</sup>. A espiritualidade humana deve ser centrada tão somente na glória de Deus e não em vantagens pessoais<sup>162</sup>. No ato da pregação, o pregador, como afirma Cotton Mather<sup>163</sup>, promove a restauração do trono e o domínio de Deus nas almas dos homens<sup>164</sup>. Piper postula que, da mesma maneira como o homem glorifica a Deus, Ele também tem o propósito de inundar o mundo com Sua glória, transformando a humanidade e resgatando pessoas de cada povo, tribo, língua e nação (Ap 5.9)<sup>165</sup>.

Piper ainda afirma que a maravilha do Evangelho consiste na grande descoberta que o homem jamais fez, que foi o compromisso divino de ser glorificado e o mais profundo desejo do ser humano em se satisfazer, não entram em conflito, mas se consomem juntos na manifestação da glória de Deus e no deleite do homem nesta glória. Piper finaliza afirmando que... *“O alvo da pregação é a glória de Deus refletida na submissão prazerosa do coração humano. E a supremacia de Deus na pregação está garantida por este fato: aquele que satisfaz recebe a glória; aquele que concede o prazer é o tesouro*”<sup>166</sup>.

## 2.2 A PREGAÇÃO VISA A EDIFICAÇÃO DA IGREJA

A pregação da Palavra de Deus serve como o mais importante instrumento de instrução para a Igreja, logo, toda pregação traz consigo um teor didático, definido como sendo o διωνοιγω (At 17.1-4; Lc 24.32). Esta palavra indica uma ação didática na pregação, onde o expositor analisa as Escrituras com profundidade e aplica à vida da Igreja.

Em At 20.32 o apóstolo Paulo afirma este propósito da pregação da Palavra de Deus: *“Agora, pois, encomendo-vos ao Senhor e à palavra da sua graça, que tem poder para vos edificar e dar herança entre todos os que são santificados”*. Em 1Co 14.3 ele assim afirma: *“Mas o que profetiza fala aos homens, edificando, exortando e consolando”*. Nas Escrituras, o termo “edificar” (εποικοδομew) significa o *“ato de alguém que promove o crescimento de outro em sabedoria cristã, piedade, felicidade, santidade”*<sup>167</sup>. Portanto, a pregação bíblica busca sempre trazer este nível de instrução para a Igreja do Senhor.

Comentando o texto de 1Co 14.3, Werner de Boor descreve o profeta e a profecia que Paulo recomenda aos coríntios, visando a edificação, da seguinte maneira:

<sup>161</sup>BAXTER. *O Pastor Aprovado*. P. 96.

<sup>162</sup>LOPES. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. P. 101.

<sup>163</sup>A frase de Mather é uma conclusão exegética de Rm 10.14,15, e não uma simples frase de efeito. Sua declaração é semelhante a de Calvino, que afirmava que *“o púlpito é o trono de Deus na terra”*.

<sup>164</sup>MATHER apud PIPER. *Supremacia de Deus na Pregação*. p. 21.

<sup>165</sup>Ibid. p. 23.

<sup>166</sup>PIPER. *Supremacia de Deus na Pregação*. Pp. 24,25.

<sup>167</sup>STRONG. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*.

Em primeiro lugar sua tarefa era confrontar o povo, sacerdotes e rei com todo o seu fracasso, toda a sua culpa. Deviam conchamar ao arrependimento. Precisavam chamar atenção para a santa vontade de Deus, ensinar, exortar e consolar. Unicamente no contexto desta grande incumbência geral eles também precisam apontar para o futuro e ameaçar ou confrontar mediante determinadas revelações sobre o futuro. Quem, pois, falava como “profeta” na igreja não apenas tinha de prenunciar, como Ágabo, uma carestia, mas cuidar, como declara expressamente também o v.3, da “edificação” por meio da “exortação e do consolo.” O “falar profético” refere-se, pois, a um falar inteligível em palavras simples, dirigido e plenificado pelo Espírito de Deus, e por isso atingindo coração e consciência de pessoas. Seu conteúdo pode variar muito, de acordo com a incumbência de Deus. Porém seu objetivo sempre é a edificação da igreja como corpo de Cristo. (...) O termo “edificação” (...) Trata-se de fortalecer, fortalecer e purificar a vida da igreja<sup>168</sup>.

Edificar a Igreja significa conduzi-la nos caminhos da vontade de Deus; é fundamenta-la na Rocha que é Cristo; é trazer ao alcance dos crentes o genuíno leite espiritual (1Pe 2.2). Matthew Henry afirma que se toda capacidade ou posse, conquista valor proporcional à sua utilidade. Assim, o fervoroso amor espiritual deve ser governado pelo entendimento, senão os homens trarão vergonha às verdades que afirmam promover<sup>169</sup>. Pregar, então, não só leva os perdidos a Cristo, como também edifica igualmente aqueles que já receberam a salvação em Cristo Jesus.

Stowell comenta este propósito da pregação afirmando que o pregador deve produzir nas pessoas, uma reflexão segundo sua maturidade<sup>170</sup>. A Igreja caminha de acordo com aquilo que os apóstolos lançaram e firma-se em seus ensinamentos, transmitidos através da pregação. Em Ef 2.19-22 Paulo afirma:

Assim, já não sois estrangeiros e peregrinos, mas concidadãos dos santos, e sois da família de Deus, edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular; no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.

Ainda em Efésios, Paulo afirma que Deus levantou no seio da Igreja, pessoas preparadas para trazer edificação pela Palavra para os crentes:

E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, Até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude de Cristo, para que não mais sejamos como meninos, agitados de um lado para outro e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela artimanha dos homens, pela astúcia com que induzem ao erro. Mas, seguindo a verdade em amor, cresçamos em tudo naquele que é a cabeça, Cristo, de quem todo o corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor (Ef 4.11-16).

Segundo pondera Hernandes Dias Lopes, todos os dons espirituais apontados pelo apóstolo Paulo neste texto, estão intimamente ligados ao ministério da pregação e do ensino das Escrituras. Hernandes assim escreve: “*Edificar os crentes no conhecimento e na graça de Jesus Cristo é um dos mais importantes aspectos da pregação*”<sup>171</sup>.

<sup>168</sup>BOOR, Werner de. *Carta aos Coríntios – Comentário Esperança*. Curitiba/PR: Editora Evangélica Esperança. 2004. P. 219. Ênfase minha.

<sup>169</sup>HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico de Matthew Henry*. Rio de Janeiro/RJ: CPAD. 2002. P. 963.

<sup>170</sup>STOWELL. *Pastoreando a Igreja*. P. 255.

<sup>171</sup>LOPES. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. P. 122.

A pregação tem por objetivo auxiliar os crentes a enfrentarem os dissabores cotidianos deste mundo mediante o ensino. No mundo, o crente enfrenta opressões, tentações, impiedades e toda sorte de situações negativas e que provocam sofrimento, a pregação, então, lhe traz os subsídios necessários para este se mantenha firme diante de todas estas circunstâncias e saia vitorioso e fortalecido das batalhas que enfrenta. A pregação o edifica ensinando-o a perseverar na fé, a crescer em paciência e poder para superar as lutas diversas<sup>172</sup>.

O ministro do Evangelho e também a Igreja como um todo, precisam estar cientes deste importante alvo da pregação bíblica. J. M. Price afirma que Jesus, em seu ministério, pregava com o propósito de ensinar seus ouvintes. Price diz que Jesus usou a preleção didática para se dirigir às pessoas que se aglomeravam em grandes multidões ou em pequenas reuniões. Todas as Suas pregações levavam ao pensar, sondando corações e apresentando práticas vitais para uma vida de piedade. Além disso, em suas preleções, Jesus também abordava uma série de assuntos que revelavam pensamentos profundos e preparação<sup>173</sup>. Price descreve de maneira clara a pregação edificante de Jesus assim:

Até mesmo aqueles que não simpatizavam com o Mestre (...) Sentiam-se comovidos com suas mensagens. **Quando o Mestre prelecionava, o povo ouvia e aprendia, recebia informes, e se sentia incitado e inspirado, e suas vidas eram enriquecidas.** Suas preleções incitavam a inteligência, os sentimentos e a vontade dos ouvintes<sup>174</sup>.

Essa deve ser a compreensão e a ênfase dos ministros do Evangelho no exercício da pregação da Palavra de Deus. Esta foi a recomendação do Senhor Jesus à Pedro, quando lhe confiou o Seu rebanho (Jo 21.15-17). Um forte texto para fundamentar este propósito da pregação é o de Cl 1.24-29:

Agora, me regozijo nos meus sofrimentos por vós; e preencho o que resta das aflições de Cristo, na minha carne, a favor do seu corpo, que é a igreja; da qual me tornei ministro de acordo com a dispensação da parte de Deus, que me foi confiada a vosso favor, para dar pleno cumprimento à palavra de Deus: o mistério que estivera oculto dos séculos e das gerações; agora, todavia, se manifestou aos seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer qual seja a riqueza da glória deste mistério entre os gentios, isto é, Cristo em vós, a esperança da glória; o qual nós anunciamos, advertindo a todo homem e **ensinando a todo homem em toda a sabedoria, a fim de que apresentemos todo homem perfeito em Cristo; para isso é que eu também me afadigo, esforçando-me o mais possível, segundo a sua eficácia que opera eficientemente em mim**<sup>175</sup>.

Paulo expressa sua compreensão acerca da pregação da Palavra de Deus aos colossenses. O apóstolo os mostra que a Palavra de Deus deve ser pregada com propósitos definidos. Estes propósitos não podem, de maneira alguma, serem meramente pessoais, mas aqueles prescritos na Revelação divina. Segundo Paulo, o pregador deve também estar plenamente ciente da eficácia e

<sup>172</sup>CAEMMERER, Richard R. *Pregando em Nome da Igreja*. Teologia e técnica da pregação cristã. Porto Alegre/RS: Concórdia. 2002. P. 25.

<sup>173</sup>PRICE, J. M. *A Pedagogia de Jesus*. O Mestre por excelência. 4ª ed. Rio de Janeiro/RJ: JUERP. 1983. Pp. 133,134.

<sup>174</sup>PRICE. *A Pedagogia de Jesus*. Pp. 134,135. Ênfase minha.

<sup>175</sup>Ênfase minha.

da eficiência do poder divino na pregação. Sem o poder e a graça de Deus agindo pelo Espírito Santo, a pregação não terá impacto espiritual.

Comentando o texto de 2Tm 3.16,17 Calvino escreveu que o propósito de Deus com Sua Palavra, não é satisfazer a curiosidade das pessoas, mas dar-lhes instrução proveitosa, longe de especulações que não edificam<sup>176</sup>. Além disso, o próprio Senhor Jesus, quando comissionou Seus discípulos à obra de evangelização mundial, ordenou que, por onde eles passassem, deveriam fazer discípulos, e para isso, eles trariam às pessoas, o verdadeiro ensino bíblico (Mt 28.19). Eles compreenderam, obedeceram e pregaram para a edificação de muitos. Esta edificação pode ser compreendida em algumas esferas da vivência cristã, conforme exposto na sequência.

### 2.2.1 A Igreja é edificada na santificação

Os primeiros da Reforma Protestante, os Puritanos, os grandes teólogos posteriores a estes, dentre outros, sempre sustentavam que a pregação da Palavra de Deus é o principal meio de graça. Esta grande “nuvens de testemunhas” que defende esta concepção teológica dá base e confirma que a Teologia Reformada sustenta – e que a presente pesquisa tem afirmado – que a pregação da Palavra de Deus é o principal meio de graça<sup>177</sup>.

Packer afirma peremptoriamente que a pregação da Palavra de Deus é o mais excelente meio pelo qual a graça de Deus é comunicada aos homens<sup>178</sup>, e como tal, tem a capacidade de santificar a Igreja de Jesus Cristo. A pregação bíblica é a causa instrumental da fé e também o principal meio pelo qual a fé é fortalecida<sup>179</sup>. Anglada também afirma o propósito santificador da pregação bíblica (2Co 11.2; 1Ts 2.9,12)<sup>180</sup>.

A Palavra de Deus é a Verdade. Sua pregação fiel é a Verdade comunicada verbalmente. Na Oração Sacerdotal, o Senhor Jesus pediu ao Pai que santificasse os discípulos na Verdade, concluindo que esta Verdade é a Palavra de Deus (Jo 17.17)<sup>181</sup>. A pregação da Palavra produz esse crescimento espiritual nos crentes (2Tm 3.16,17). Beeke afirma que, quando a Palavra e o Espírito Santo são introduzidos na vida das pessoas mediante a pregação reformada experiencial, estas são transformadas e que este deve ser sempre o alvo da pregação, a geração de um povo

<sup>176</sup>CALVINO. *As Pastorais*. P. 233.

<sup>177</sup>ANGLADA. *Introdução à Pregação Reformada*. p. 66.

<sup>178</sup>PACKER apud ANGLADA. *Introdução à Pregação Reformada*. p. 67.

<sup>179</sup>ANGLADA. *Introdução à Pregação Reformada*. Pp. 68,69.

<sup>180</sup>Ibid. P. 47.

<sup>181</sup>HOEKEMA, Anthony. *Salvos Pela Graça*. A doutrina bíblica da salvação. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 1997. P. 202.

santo para a glória de Deus<sup>182</sup>. Enquanto a conversão é o começo da espiritualidade verdadeira, é a santificação progressiva que a desenvolve<sup>183</sup>.

A pregação da Palavra de Deus ensina as pessoas a viverem de modo santo em um mundo repleto de toda sorte de corrupções. Através da pregação da Palavra os crentes absorvem mais e mais do caráter de Cristo, assimilando-o em suas próprias vidas. Aqueles que estão sob a responsabilidade de pregar a Palavra, devem fazê-lo de maneira que os sermões sejam instrumentos de Deus para a educação de Seu povo, conduzindo-o a uma vida centrada nEle todos os dias e em todos os aspectos de sua vida, sem permitir o erro da fragmentação da vida em fatias distintas.

J. C. Ryle, famoso pregador inglês e primeiro bispo da diocese da Igreja Anglicana em Liverpool, afirmou que Deus opera a santificação nos crentes, através de meios espirituais determinados, e um desses meios é a pregação da Palavra de Deus<sup>184</sup>. Ryle prossegue dizendo que esses meios são canais designados por Deus para que o Espírito Santo supra o crente com reservas frescas de graça para aperfeiçoar a obra que, um dia, Ele mesmo começou em suas vidas<sup>185</sup>.

Berkhof também sustenta que a Palavra de Deus é o principal meio para santificar os crentes. Em sua Teologia Sistemática, ele afirma que o principal meio santificador usado pelo Espírito Santo é a Palavra de Deus, sendo que ela apresenta todas as condições objetivas para exercícios e atitudes santas<sup>186</sup>.

Douglas afirma que o Espírito Santo é o operador da santificação na vida do crente, porém, Ele o faz por intermédio da Palavra<sup>187</sup>. Seguindo nesta mesma direção, Russell Shedd diz que a santificação é promovida pela admoestação e instrução com toda a sabedoria de Deus, com o intuito de apresentar “*todo homem perfeito em Cristo*”<sup>188</sup>. Esta é uma concepção consistente e confiável a respeito da pregação.

### 2.2.2 A Igreja é edificada na consolação

Dentro do aspecto da edificação encontra-se também o propósito da consolação. A consolação alcança todos os crentes em Jesus e que vivem a fé, porém, limitados pelo pecado. Esta consolação, contudo, alcança especialmente daqueles que se encontram em situação de aflição e dor. No Sl 119.76, o salmista faz um apelo ao Senhor para que Ele traga consolo à sua vida. As-

<sup>182</sup>BEEKE. *Pregação Reformada*. P. 101.

<sup>183</sup>Ibid.

<sup>184</sup>RYLE, J. C. *A Santificação II*. Em: *Jornal Os Puritanos*. São Paulo/SP: Os Puritanos. Ano IV, nº 4. Jul.-Ag. 1996. P. 27.

<sup>185</sup>Ibid.

<sup>186</sup>BERKHOF. *Teologia Sistemática*. P. 539.

<sup>187</sup>DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Edição em 1 Volume. 2ª ed. São Paulo/SP: São Paulo/SP: Vida Nova. 1995. P. 1486.

<sup>188</sup>SHEDD, Russell Phillip. *Lei, Graça e Santificação*. São Paulo/SP: Vida Nova. 1990. P. 73.

sim afirma o salmista: *“Venha, pois, a tua bondade consolar-me, segundo a palavra que deste ao teu servo”*. Este consolo desejado pelo salmista, o qual roga ansiosamente, provém da Palavra de Deus, Palavra esta, que ele havia recebido do próprio Deus.

A pregação da Palavra encoraja os crentes a permanecerem firmes nas tribulações e provações, bem como suportarem os sofrimentos presentes, consolando-os com a certeza da graça de Deus sobre eles (At 14.21,22): *“E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia, fortalecendo a alma dos discípulos, exortando-os a permanecer firmes na fé; e mostrando que, através de muitas tribulações, nos importa entrar no reino de Deus”*. As tribulações e angústias do presente tempo, não podem superar a esperança que os crentes têm na glória que está proposta (Rm 8.18).

O propósito do consolo visa reanimar todos aqueles que se encontram abatidos e tristes, estimulando-os com a Palavra da Verdade. O consolo é para aqueles que vivem situações difíceis, como crises pessoais e familiares, perda de entes queridos, dúvidas quanto a salvação, etc. Pregações em textos como a Segunda Vinda de Cristo consolam os crentes, porque trazem uma visão do futuro acerca das bênçãos espirituais eternas que nos esperam quando o Senhor finalmente retornar para ajuntar os Seus eleitos e estabelecer a ordem eterna. Neste dia, as lágrimas dos olhos de todos serão finalmente enxugadas e os inimigos do povo de Deus serão definitivamente derrotados pelo Senhor (Ap 21.4,5).

Um dos textos das Escrituras Sagradas que mais apresenta a pregação da Palavra com o propósito de consolar os aflitos encontra-se registrado no texto de Is 61.1-3:

*O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; a apregoar o ano aceitável do SENHOR e o dia da vingança do nosso Deus; a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado; a fim de que se chamem carvalhos de justiça, plantados pelo SENHOR para a sua glória.*

O profeta Isaías vaticina a respeito do Messias que haveria de se manifestar (Is 61.1-3) e, quando este mesmo texto foi lido por Jesus Cristo numa sinagoga, logo após a leitura, Ele afirmou que aquela profecia estava se cumprindo exatamente em Sua pessoa (Lc 4.18). O texto mostra que através da pregação (*“...porque o SENHOR me ungiu para pregar...”*), Jesus iria trazer consolo a todos aqueles que choram e estão de luto (*“...a consolar todos os que choram e a pôr sobre os que em Sião estão de luto uma coroa em vez de cinzas, óleo de alegria, em vez de pranto, veste de louvor, em vez de espírito angustiado”*).

O exemplo de Jesus é o mais marcante e significativo entre todos. Ele é o grande paradigma ministerial e a maior referência da Igreja, por isso, deve ser seguido por todos os pregadores da Palavra e deve ser a tônica ministerial da Igreja como agência do Reino de Deus e respon-

sável por comissionar os arautos da Palavra. Baseados no paradigma supremo, que é Cristo, o ministro da Palavra, de maneira mais específica, deve ter como propósito em sua pregação, o consolo àqueles que sofrem ou enfrentam qualquer tipo de aflição em sua vida. Jesus assim o fez, no famoso “Sermão do Monte”, por exemplo (Mt 5.1-7.28). Ali, o Salvador expôs Sua doutrina e ministrou Sua graça consoladora a todos os presentes.

### 2.2.3 A Igreja é edificada na admoestação

Os meios de graça visam o fortalecimento espiritual dos crentes, e as Escrituras são enfáticas no tratamento quanto o erro e o pecado, sendo a pregação da Palavra o método por excelência de trazer a devida repreensão à Igreja, quando esta se faz necessária. O propósito da admoestação é fazer com que o ouvinte sonde seu coração a fim de que chegue ao arrependimento e, assim, se afaste do erro e do pecado<sup>189</sup>.

É dever daqueles que são responsáveis pela pregação das Escrituras, estabelecer como objetivo urgente de seu ofício e ministério, o advertir a Igreja – e todos os demais ouvintes, independente de seu credo religioso – dos perigos de se viver longe de Deus, numa vida desregrada e constante na prática de pecados.

Os pregadores da Palavra devem se mostrar convincentes na apresentação da mensagem de maneira a impressionar seus ouvintes com a verdade de que, se eles permanecerem na prática contumaz do pecado, estarão caminhando a passos largos em direção à condenação e receberão aquilo que lhes é devido, conforme advertido nas Escrituras (Rm 6.23a; 1Co 6.9,10; Hb 10.26,27; Ap 22.11,12). A pregação bíblica fiel, mediante o poder transformador do Espírito Santo, deve despertar em seus ouvintes a repulsa pelo pecado resultando em seu abandono e promovendo santificação.

Defensor ardente do ensino bíblico pessoal e do discipulado cristão, o puritano Richard Baxter alerta os pregadores que a pregação e o ensino da Palavra de Deus não devem ser limitados somente às apresentações públicas (cultos, reuniões, escolas dominicais, etc.), mas também devem ser realizadas de maneira individual, aproveitando melhor, dentro de sua visão, a oportunidade do ministro junto aos seus ouvintes, conduzindo-os de acordo com o seu próprio ritmo de entendimento e apresentando a eles, argumentos, respostas e objeções conforme for necessário<sup>190</sup>.

<sup>189</sup>PIPA, Joseph. O Sermão Puritano que Transforma. *Os Puritanos*, ano 7, nº 4, out./dez., 1999. P. 24,25.

<sup>190</sup>BAXTER, Richard. *O Pastor Aprovado*. Modelo de ministério e crescimento pessoal. São Paulo/SP: PES. 2016. P. 177.



A exortação também é um dos objetivos da pregação. Por ela, o pregador estimula a Igreja a obedecer, ou cumprir os deveres ensinados e requeridos em uma determinada passagem bíblica. Paulo recomenda a Timóteo que, em seu ministério de pregação, ele deveria exortar (2Tm 4.2). Através da exortação, o pregador desafia a Igreja a viver em dedicação e fidelidade à verdade pregada. Caso não atendam à exortação, estarão caindo em pecado, uma vez que o que se propões não são ideias humanas e sim o ensino da Palavra de Deus<sup>191</sup>.

### 2.3 A PREGAÇÃO VISA A SALVAÇÃO DOS ELEITOS

O método designado por Deus para alcançar e salvar Seus eleitos é a pregação de Sua Palavra e como principal meio de graça, ela inevitavelmente alcançara o seu objetivo com a ação poderosa do Espírito Santo. O grande propósito da pregação da Palavra de Deus, e pode-se dizer que este seja o seu propósito por excelência, é a salvação dos perdidos. A fé vem pelo ouvir a pregação da Palavra e, aprouve a Deus salvar os que creem na loucura da pregação (Rm 10.17,18; 1Co 1.21-31). É a pregação da Palavra o instrumento e a autoridade que o Espírito Santo emprega na obra de salvação, iluminando, convertendo e selando os pecadores<sup>192</sup>.

O puritano inglês William Perkins disse que por meio da pregação, os ouvintes são chamados ao estado de graça, e preservados nele<sup>193</sup>. O também puritano Thomas Watson disse que *“foi pelos ouvidos que perdemos o paraíso, quando nossos primeiros pais escutaram a Serpente; e também é pelos ouvidos, por escutar a Palavra pregada, que alcançamos o céu”*<sup>194</sup>. É pelo ministério da Palavra que os pecadores são chamados ao arrependimento de seus pecados e à fé no Senhor Jesus Cristo.

A pregação da Palavra é o meio determinado por Deus para gerar vida espiritual nos eleitos. Não há outro padrão que o Senhor tenha estabelecido para tal. Paulo afirma ser o Evangelho o poder de Deus para a salvação (Rm 1.16). MacArthur diz que *“a verdade objetiva do evangelho é inerentemente poderosa para transformar vidas, quando divinamente aplicada”*<sup>195</sup>. É através dela que o Espírito Santo age convencendo-os do pecado, da justiça e do juízo, como ensina o Catecismo de Heidelberg, na pergunta de número 65: *“Se somente a fé nos faz participantes de Cristo e de todos os seus benefícios, donde procede esta fé”*? Sua resposta é: *“Do Espírito Santo que a ilumina em nossos corações pela pregação do Santo Evangelho, e a confirma pelo uso dos*

<sup>191</sup>PIPA. O Sermão Puritano que Transforma. P. 24.

<sup>192</sup>BEEKE. *Pregação Reformada*. P. 164.

<sup>193</sup>PERKINS. *A Arte de Profetizar*. P. 22.

<sup>194</sup>MICHELÉN, Sugel. *Da Parte de Deus e na Presença de Deus*. Um guia para a pregação expositiva. São José dos Campos/SP: Fiel. 2018. P. 83.

<sup>195</sup>MACARTHUR JR., John. *Com Vergonha do Evangelho – Quando a Igreja se torna como o mundo*. São José dos Campos/SP: Fiel. 1997. P. 149.

*sacramentos*”<sup>196</sup>. Lloyd-Jones dedicou todo último capítulo de “Pregação e Pregadores” para expor a necessidade da unção do Espírito Santo sobre o ministério da pregação e sobre a pessoa do pregador<sup>197</sup>.

O ministério da pregação não seria nada sem a operação do Espírito Santo sobre o pregador e sobre os ouvintes. É o Espírito Santo quem confere poder à pregação para a salvação e para a edificação, consolo e admoestação. Lawson escreve que ao subir os degraus da escada que conduzia ao púlpito do Tabernáculo Metropolitano de Londres, Charles Spurgeon declarava para si mesmo a cada passo: “*Eu creio no Espírito Santo. Eu creio no Espírito Santo. Eu creio no Espírito Santo*”<sup>198</sup>. John Stott ressalta a importância da ação poderosa do Espírito Santo, tanto no pregador, quanto nos ouvintes da mensagem:

Somente Jesus Cristo, pelo seu Espírito Santo, pode abrir os olhos cegos e os ouvidos surdos, fazer os mancos andar e os mudos falar, despertar a consciência, iluminar a mente, fazer arder o coração, afetar a vontade, dar vida aos mortos, e resgatar os escravos do domínio de Satanás. Tudo isso Jesus pode fazer, e o faz, conforme o pregador deve saber por sua própria experiência. Por isso, nossa maior necessidade como pregadores é “sermos revestidos do poder do alto (Lc 24.49) a fim de que, assim como os apóstolos, possamos “pregar o evangelho pelo Espírito Santo enviado do céu” (1Pe 1.12) e o evangelho chegue às pessoas mediante a nossa pregação “não somente em palavra, mas também em poder, e no Espírito Santo e em plena convicção” (1Ts 1.5)<sup>199</sup>.

O Senhor Jesus Cristo mesmo afirmou que desceu do céu e veio a este mundo para buscar e salvar aquele que havia se perdido (Lc 19.10), e, antes de retornar para o Pai, Ele enviou Seus discípulos assim como o Pai o enviara, para dar prosseguimento a esta gloriosa missão (Jo 20.21). Indiscutivelmente, o método ordinário escolhido por Deus para comunicar a salvação aos eleitos é exatamente a pregação da Palavra de Deus<sup>200</sup>. Não há outro modo divinamente prescrito para tal. MacArthur é enfático ao afirmar que “*o evangelho é a única mensagem que Deus usa para salvar*”<sup>201</sup>. Packer ressalta o propósito da pregação de salvar os perdidos da seguinte maneira:

*Nós devemos pregar, porque ninguém há de se salvar sem o conhecimento do evangelho. Devemos orar, porque somente o Espírito Santo soberano em nós e no coração dos homens pode tornar a nossa pregação eficaz para a salvação dos homens, e Deus não enviará o seu Espírito para onde não haja oração.*<sup>202</sup>

Em Rm 10.14-17 o apóstolo Paulo afirma o seguinte:

*Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas! Mas nem todos obedeceram ao*

<sup>196</sup>JANSE, J. C. *La Confesión de la Iglesia – Comentario al Catecismo de Heidelberg*. 3º ed. Barcelona: FELIRE. 2000. P. 104. Minha tradução.

<sup>197</sup>LLOYD-JONES. *Pregação e Pregadores*. Pp. 224-239.

<sup>198</sup>LAWSON. *O Foco Evangélico de Charles Spurgeon*. P. 113.

<sup>199</sup>STOTT. *Eu Creio na Pregação*. P. 354.

<sup>200</sup>LOPES. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. P. 116.

<sup>201</sup>MACARTHUR JR. *Com Vergonha do Evangelho*. P. 150.

<sup>202</sup>PACKER, J. I. *A Evangelização e a Soberania de Deus. Se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar?* São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2002. P. 111.

*evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação? E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo.*

Também no texto de 1Co 1.21, Paulo ainda vai dizer que: *“Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não o conheceu por sua própria sabedoria, aprouve a Deus salvar os que crêem pela loucura da pregação”*. Percebe-se claramente que todo ensino das Escrituras apontam para a mesma convicção, de que o propósito da pregação da Palavra de Deus, é a salvação dos perdidos. Beeke e Jones, observando o modelo de pregação dos puritanos, contribuem com tal ponderação afirmando que, na perspectiva puritana, a pregação era o ato onde um servo ordenado por Deus, proclamava e explicava tanto a salvos quanto a descrentes, a Palavra santa de Deus, com o objetivo de mudar-lhes o pensamento e transformar suas vontades, convertendo os pecadores e santificando os santos<sup>203</sup>.

Entretanto, é salutar que se reafirme que o fim principal do ministério cristão é a glória de Deus. Quer se convertam as almas, quer não, se Jesus Cristo é fielmente pregado o ministro não trabalha em vão, pois é o bom cheiro para Deus, nos que se perdem e nos que se salvam. Contudo, em regra, Deus nos enviou para pregar a fim de que, mediante o evangelho, os filhos dos homens se reconciliem com Ele<sup>204</sup>.

O Príncipe dos Pregadores, Charles Haddon Spurgeon, deixa bem claro que, ainda que não haja conversões em resposta à pregação da Palavra de Deus, se ela foi realizada com fidelidade, Deus é glorificado. Contudo, isto não isenta a pregação de seu propósito de promover a salvação dos incrédulos. Spurgeon ainda diz que... *“Compete-nos semear mesmo em lugares pedregosos, onde nenhum fruto recompense o nosso labor; mas devemos sempre ter em vista uma colheita e lamentar se ela não aparecer no tempo devido”*<sup>205</sup>.

Deus comprou para Si mesmo um povo (At 20.28), pagando com o precioso sangue de Seu Filho Jesus Cristo (Ap 5.9,10), tornando tal povo, Sua propriedade exclusiva (1Pe 2.9,10; Tt 2.14) e que deveria, portanto, viver para Sua glória exclusiva. Todos quantos foram comprados pelo Senhor devem ser chamados mediante o ministério da pregação da Palavra (Rm 8.30; At 18.9-11)<sup>206</sup>.

Com a consciência de sua responsabilidade de conseguir atingir o propósito de conquistar almas para o Reino de Deus através da pregação da Palavra, não só os pregadores divinamente comissionados, mas toda Igreja, precisa, assim como fez o mestre Jesus, envidar todos os esforços para ir atrás das ovelhas perdidas. Jesus não somente pregou aos perdidos como também es-

<sup>203</sup>BEEKE, JONES. *Teologia Puritana*. P. 965.

<sup>204</sup>SPURGEON, C. H. *Lições aos Meus Alunos*. Homilética e teologia pastoral, vol I. São Paulo/SP: PES. 1980. P. 193.

<sup>205</sup>Ibid. P. 193.

<sup>206</sup>LOPES. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. P. 116.

teve constantemente entre eles. Ele comeu com pecadores, conversou com prostitutas, recebeu aqueles que foram abandonados pela sociedade, tocou em leprosos, entrou na residência de publicanos, curou enfermos e a todos pregou a Palavra de salvação<sup>207</sup>.

Consciente do propósito da pregação, o ministro do Evangelho, bem como a Igreja redimida de Cristo, não devem se prender a eventuais julgamentos proferidos por pessoas maldosas e que desconhecem suas razões puras e intentos redentores quando no exercício da busca pelos pecadores<sup>208</sup>. O próprio Senhor Jesus foi injustamente difamado por seus opositores, quando na busca pelos pecadores Ele foi chamado de glutão, beberrão e “amigo de pecadores”. Jesus recebeu estes ataques exatamente por estar fazendo a vontade do Pai. Ainda que se tenha que correr os riscos de receberem o mesmo tratamento por pessoas maldosas, é tarefa do pregador e da Igreja, ir atrás dos perdidos e não se limitar ao templo<sup>209</sup>.

Horatius A. Bonar enfatizava com veemente eloquência que o objetivo do ministro cristão é levar pecadores ao arrependimento. Caso isso não ocorra, ainda que haja aplausos ao pregador, popularidade, honra e riquezas, seu ministério será um fracasso. Bonar faz uma indagação que deve permear na mente de todo ministro do Evangelho: “*Será este o meu alvo em cada sermão que prego?*”<sup>210</sup>

O que fará com que o pregador tenha fixado em seu pensamento o propósito da pregação de salvar os perdidos será a sensibilidade que este venha a ter concernente à situação desesperadora da humanidade que jaz mergulhada nas profundezas do pecado. São as lágrimas que levarão o pregador e a Igreja a enraizar em seu coração e em sua mente este impostergável propósito da pregação da Palavra de Deus.

#### 2.4 A PREGAÇÃO ALERTA QUANTO O JUÍZO DIVINO

O hino “A voz do Evangelho” (número 304 do Hinário Novo Cântico<sup>211</sup>) traz em sua terceira estrofe a seguinte mensagem: “*A voz do Evangelho vem a todos avisar do perigo grande e grave para quem se descuidar*”. A “voz do Evangelho” é a voz da proclamação da santa Palavra de Deus alertando os pecadores acerca de sua condição perdida e do futuro juízo divino que o alcançará, caso este não se arrependa de seus pecados e se volte ao Salvador Jesus. De fato, o justo juízo divino será um perigo grande e grave para os descuidados que ignoram a mensagem

<sup>207</sup> LOPES. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. P. 116.

<sup>208</sup> Esta afirmação não visa incentivar qualquer obreiro a agir fora dos limites do bom senso. Pelo contrário. Todo obreiro cristão precisa ser prudente em todo seu proceder a fim de que não venha causar escândalos na comunidade onde exerce o ministério. O discernimento prudente ajuda na abertura de portas para o testemunho do Evangelho.

<sup>209</sup> LOPES. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. Pp. 116,117.

<sup>210</sup> BONAR, Horatius. *Um Recado Para Ganhadores de Almas*. 2ª ed. São Paulo/SP: Vida Nova. 2003. P. 11.

<sup>211</sup> *Hinário Novo Cântico*. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 1999. Pp. 273,274.

das Escrituras. A Confissão de Fé de Westminster afirma sobre o Juízo Final (Capítulo XXXIII, Parágrafo 1º):

Deus já determinou um dia em que, segundo a justiça, há de julgar o mundo por Jesus Cristo, a quem foram pelo Pai entregues o poder e o juízo. Nesse dia não somente serão julgados os anjos apóstatas, mas também todas as pessoas que tiverem vivido sobre a terra comparecerão ante o tribunal de Cristo, a fim de darem conta dos seus pensamentos, palavras e obras, e receberem o galardão segundo o que tiverem feito, bom ou mau, estando no corpo. Ref. At. 17:31 ; João 5:22, 27; Judas 6; II Ped. 2:4; II Cor.5:10; Ec. 12:14; Rom. 2:16, e 14:10, 12; Mat. 12:36-37<sup>212</sup>.

Jesus e os apóstolos pregaram e ensinaram a respeito do juízo final, alertando as pessoas concernente os perigos de uma vida longe da graça salvadora. Em Jo 5.21-31 Jesus falou a respeito de Sua volta e do juízo que o acompanhará, assegurando uma eternidade de bênçãos para os piedosos e uma de tormentos para os que permanecerem rebeldes à Sua Palavra. Em Mt 7.21-23, no contexto do Sermão do Monte, Jesus advertiu Seus ouvintes acerca de falsos mestres e do destino final de dor daqueles que sabotaram a verdadeira fé e nunca conheceram o Senhor. Igualmente Paulo alertou os atenienses quanto o juízo final quando pregou no Areópago (At 17.30,31).

É exigido daqueles a quem foram confiados o ministério da Palavra, que a pregação traga consigo todo conselho de Deus, ou seja, que nenhum aspecto ou conteúdo da mensagem bíblica seja omitido, maquiado ou desprezado em sua entrega. Falando aos presbíteros de Éfeso Paulo foi taxativo em dizer que, durante o exercício de seu ministério na cidade, jamais deixou de lhes anunciar todo desígnio de Deus, publicamente ou de casa em casa (At 20.20,27). Os temas e assuntos menos populares das Escrituras não foram evitados por Paulo em suas pregações, tendo o apóstolo sido fiel em seu ministério como um bom despenseiro dos mistérios de Deus (1Co 4.1,2).

Tom Sine diz que nos Estados Unidos, a Igreja contemporânea aprendeu a utilizar sofisticadas pesquisas de marketing para descobrir o que as pessoas do mundo pós-moderno esperam de uma igreja. Com isto, eles tornam a Igreja um grande mercado ou uma mera mercadoria, um “pacote”, um simples produto vendável. Sine denuncia ainda, que as mega-igrejas americanas têm se tornado verdadeiros centros de consumo cristão, abarcando coisas como programas de emagrecimento, salas de musculação, saunas e praças de alimentação, como nos shoppings. A única diferença, continua Sine, é que tudo isto é oferecido em nome de “Jesus”<sup>213</sup>.

Por causa desta comercialização da fé, uma tendência da Igreja contemporânea é a de rejeitar as pregações sobre temas essenciais como o pecado e a necessidade de arrependimento, a santificação e o juízo final. Isto se dá por causa do caráter admoestativo que tais temas e assun-

<sup>212</sup> *Confissão de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana*. P. 61.

<sup>213</sup> SINE, Tom. *O Lado Oculto da Globalização – Como defender-se dos valores da Nova Ordem Mundial*. São Paulo/SP: Mundo Cristão. 2001. P. 217.

tos propõem, causando natural incômodo aos corações egocêntricos que almejam receber mensagens mais suaves e centradas nos anseios humanos. Talvez esta seja a maior tentação sofrida pelos pregadores nestes dias: Preguar aquilo que as pessoas querem ouvir e não o que realmente necessitam ouvir. Estas artimanhas denunciadas por Sine comprovam isso. A pregação que prioriza as Escrituras e que ataca o pecado tende a ser rejeitada nesta era de relativismo moral, onde a tendência é pregar em textos que correspondam aos gostos e interesses dos ouvintes<sup>214</sup>.

A pregação escatológica, especialmente a que trata da volta do Senhor Jesus e do Juízo Final que há de acompanhá-lo, naturalmente causa um desconforto nas pessoas, em especial aquelas que não possuem a consoladora convicção de sua própria salvação. No entanto, este desconforto não pode jamais determinar a agenda do pregador. Enquanto esteve na terra o Senhor Jesus não permitiu que as pessoas de Seus dias vivessem iludidas e, não deixou de frisar a importância de ser vigilante acerca das últimas coisas, que incluem o princípio das dores, a grande tribulação, Sua volta triunfal e o Juízo Final (Mt 24.1-51; 25.1-46).

Um dos sermões mais famosos da história da Igreja é o lendário “Pecadores nas mãos de um Deus irado”, de Jonathan Edwards, pregado na cidade de Enfield, Connecticut, em 08 de julho de 1741, com base em Dt 32.35. Este sermão trata do juízo de Deus sobre os pecadores de maneira vívida e colossal, onde Edwards traz imagens da realidade da ira divina e do fogo do inferno tensionando-os com a misericórdia divina<sup>215</sup>. Os efeitos desta pregação foram impactantes na congregação (com registros de quem testemunhou a comoção dos ouvintes) e grandiosos em toda região no período que ficou conhecido como o “Grande Despertamento” (1740-1742).

Seria uma sandice absoluta cogitar que a pregação da Palavra não visa propósitos. Deus determinou o ministério da pregação com propósitos e objetivos claros e diretos, sempre visando o bem do Seu povo e sua edificação. O próprio Senhor cuida para que cada desses propósitos sejam alcançados para o louvor de Sua glória. Independente das habilidades humanas do pregador (como a oratória, o carisma, a criatividade, etc), é o Senhor quem ministrará o poder necessário para o alcance dos objetivos da pregação.

Nesta direção, Chapell diz que a pregação cumpre seus objetivos espirituais por causa do poder da Escritura proclamada e não por causa das habilidades de Seus arautos<sup>216</sup>. Deus não se apoia nas qualidades do pregador e, por isso, o pregador terá mais liberdade, zelo e confiança em sua obra, porque é Deus quem o capacita para tal. O Senhor, evidentemente, usa as habilidades e

<sup>214</sup>BOICE, James Montgomery e SASSE, Benjamin. *Reforma Hoje – Uma convocação feita pelos evangélicos confessionais*. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 1999. Pp. 89,90.

<sup>215</sup>EDWARDS, Jonathan. *Pecadores Nas Mãos de um Deus Irado*. São Paulo/SP: PES. 2012.

<sup>216</sup>CHAPELL. *Pregação Cristocêntrica*. P. 18.

dons de Seus servos e não as desqualifica, porém, é a Sua própria Palavra que cumpre todo o programa de salvação e santificação<sup>217</sup>.

---

<sup>217</sup>CHAPELL. *Pregação Cristocêntrica*. P. 18.

## CONCLUSÃO

Após tantas considerações importantes, não resta dúvida de que a fiel pregação da Palavra de Deus é o principal meio de graça instuído pelo Senhor e é, igualmente, a maior necessidade da Igreja e do mundo em todas as épocas e circunstâncias<sup>218</sup>. A saúde espiritual da Igreja depende da pregação fiel das Escrituras Sagradas. É pela pregação que Deus promove e realiza Sua vontade em todos os aspectos da criação e em Seu povo, de maneira mais particular. O homem, por mais que negue e se rebele, não pode viver sem a Palavra de Deus. O eloquente testemunho da própria Palavra atesta isso: “*Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus*” (Mt 4.4).

O veículo mais poderoso não apenas de divulgação da Palavra de Deus como também da disposição de Sua graça e consequentes bênçãos especiais que o Senhor reservou para os Seus eleitos, é a pregação. John Stott reforça esta convicção escrevendo: “*As Igrejas vivem, crescem e florescem pela Palavra de Deus; sem ela, as Igrejas murcham e morrem. Os bancos da Igreja dificilmente vão além do púlpito*”<sup>219</sup>. É a graça de Deus que alimenta, fortalece, capacita e move a Igreja para o cumprimento de seus propósitos de adoração, edificação, comunhão, evangelização e testemunho, os quais Ele mesmo estabeleceu.

Os períodos em que não somente a Igreja, mas o mundo passou por considerável decadência, foram exatamente os períodos em que a pregação declinou. Quando a Igreja se viu seduzida pela sabedoria do mundo, encantada pela filosofia e pelas ciências, atraída por ideias pragmáticas ou quaisquer outros princípios falaciosos, a pregação sofreu alterações significativas, perdendo seu conteúdo, impacto e autoridade. Com a debilidade e desfalescência da pregação, a Igreja enfraquece, deixando de receber a graça necessária para o cumprimento da missão, sobrevivendo à duras penas num mundo caótico e alienado de tudo o que diz respeito ao Senhor, Seu Reino e Sua Palavra.

Conscientes da necessidade e da importância do ministério da fiel pregação da Palavra a este mundo, é mister que os ministros do Evangelho venham a dar a primazia a esta atividade pastoral, acima de todas as demais e que a Igreja igualmente se conscientize desta urgente verdade. Mais do que a principal atribuição do ministro do Evangelho, a pregação da Palavra de Deus é, antes de tudo, um ato de adoração a Deus. Piper afirma que a adoração é uma resposta à obra de Deus, e a Palavra de Deus é o instrumento pelo qual Ele age no mundo<sup>220</sup>.

<sup>218</sup>LLOYD-JONES. *Pregação & Pregadores*. P. 7.

<sup>219</sup>STOTT. *Ouçã o Espírito Ouçã o Mundo*. P. 229.

<sup>220</sup>PIPER. *O Lugar da Pregação na Adoração*.



Além de um ato de adoração, a pregação carrega outro peso considerável: Ela é a voz de Deus. O pregador sustenta sua autoridade no fato de ser a pregação a transmissão fidedigna da Revelação escrita. A pregação, portanto, é o produto da Revelação divina. É Deus falando ao Seu povo e ao mundo através de um arauto. Sua voz ecoa através da voz do pregado, alcançando mentes e corações, conclamando os homens à observação obediente de Sua vontade revelada. Carl R. Trueman defende ser a Palavra de Deus e a pregação como meio de graça exatamente por seu caráter divino, onde por ela, Deus fala ao Seu povo na instrumentalidade do pregador:

Deus vem ao Seu povo, mas através da declaração de Sua Palavra por a boca de Seus pregadores. De fato, como a Segunda Confissão Helvética expressou-o dramaticamente no primeiro capítulo: Cremos que hoje, quando esta Palavra de Deus é proclamada na Igreja por pregadores que foram legitimamente chamados, então a própria Palavra de Deus é proclamada e recebida pelos fiéis. A linguagem é enfática: a própria Palavra de Deus. Quando o pregador prega fielmente, a congregação realmente ouve a Palavra de Deus. Nós podemos colocar isto de outra forma: quando o pregador prega fielmente, é realmente Deus que fala à congregação<sup>221</sup>.

Stott afirma ser esta a primeira convicção que deve dominar o pregador: *“Se Deus não tivesse falado, nós não ousaríamos falar, pois nada teríamos a dizer a não ser as nossas meras especulações. Mas já que Deus falou, nós também devemos falar, comunicando aos outros o que ele comunicou nas Escrituras. Na verdade, nós nos recusamos a ficar calados!”*<sup>222</sup> O profeta Amós declara: *“Rugiu o leão, quem não temerá? Falou o SENHOR Deus, quem não profetizará?”* (Am 3.8). Diante da poderosa revelação especial divina, dada em sua forma escrita, os servos do Senhor não podem deixar de proclamá-la ao mundo. Esta convicção deve dominar todo o ministério da pregação: Saber que somente se deve falar aquilo que Deus já falou. Os pregadores devem dedicar sua vida à proclamação da Verdade em todo o tempo, sob todas e quaisquer circunstâncias e condições (2Tm 4.2,5).

É por causa desta proeminência da pregação da Palavra de Deus que Spurgeon afirmava preferir um púlpito a um trono. Comparada com o ministério da pregação, a realeza não é absolutamente nada<sup>223</sup>. Spurgeon ainda diz que *“se o que pregarem não for a verdade, Deus não estará aí”*<sup>224</sup>. Ainda que os tempos mudem, modas e tendências apareçam, ventos e inventos ameacem a paz da Igreja, ou ainda, que o humor das pessoas mude constantemente, a tarefa do pregador permanece sendo a mesma: Proclamar fielmente a Palavra de Deus<sup>225</sup>.

Em um tempo como este, onde a sã doutrina não tem sido suportada, o pregador não pode se deixar levar pelo situacionismo e se conformar a ele. Não há lugar para omissão ou preguiça no ministério da pregação da Palavra, e aqueles que não primam pelo compromisso de se dedicar

<sup>221</sup>TRUEMAN, Carl R. The Word as a Means of Grace. *The Southern Baptist Journal of Theology*, 19 n. 4 Wint, 2015. P. 60. Minha tradução.

<sup>222</sup>STOTT. *Ouçã o Espírito Ouçã o Mundo*. P. 231.

<sup>223</sup>WHITE. *O Pastor Mestre*. P. 64.

<sup>224</sup>COSTA. *A Inspiração e a Inerrância das Escrituras*. P. 115.

<sup>225</sup>MACARTHUR JR. *Redescobindo o Ministério Pastoral*. P. 290.

completamente à pregação bíblica, devem permanecer longe do púlpito<sup>226</sup>. Mais uma vez, o testemunho eloquente de Spurgeon faz-se salutar:

O verdadeiro ministro de Cristo sabe que o verdadeiro valor de um sermão está, não em seu molde ou modo, mas na verdade que ele contém. Nada pode compensar a ausência de ensino; toda retórica do mundo é apenas o que a palha é para o trigo, em contraste com o evangelho da nossa salvação. Por mais belo que seja o cesto do semeador, é uma miserável zombaria, se estiver sem sementes<sup>227</sup>.

A pregação da Palavra de Deus é imprescindível, porque é mediante ela que Cristo fala à Igreja e a governa. Cristo está presente na pregação e através dela, ministra de Sua graça aos Seus eleitos, fortalecendo-lhes a fé, a esperança e o amor. As Escrituras e o testemunho teológico e prático dos reformadores, puritanos e demais personalidades conservadoras da Igreja, afirmam que a pregação da Palavra é o principal meio de graça para o povo de Deus. Por causa desse caráter extraordinário, ela também é o elemento principal do culto, a marca distintiva da verdadeira Igreja de Cristo e a principal tarefa da Igreja e do ministério pastoral.

Strange não hesita em definir que a pregação bíblica está em uma posição de grande destaque entre as formas que a Palavra é transmitida. É na pregação fiel da Palavra que Deus abençoará Seu povo de maneira especial e diferenciada. Ele assim diz:

Nunca a Palavra é tão clara para nossos corações, e nunca a Palavra é uma bênção maior para nossas almas, do que quando a ouvimos pregada fielmente. Por quê? Porque quando a Palavra é pregada, ela é “aberta” em todas as suas características gloriosas. A centralidade de Cristo e Sua obra redentora são apresentadas. Todo o conselho de Deus é aplicado, e a fidelidade à aliança é ordenada como nossa resposta adequada à Palavra de Deus<sup>228</sup>.

A intenção desta era, de fato, esta: Apresentar a pregação da Palavra de Deus como sendo o principal meio de graça para a Igreja e todas as afirmações apresentadas apontam para esta realidade. E é desta preeminência da pregação que todas as suas demais qualidades derivam e devem ser igualmente observadas com reverência, piedade e máxima excelência.

Que Deus sustente a vida e o ministério de todos os pastores que, no exercício de suas atribuições ministeriais, primem pela fidelidade e excelência na pregação da Palavra de Deus e que tenham este elevado conceito a seu respeito, de maneira que a tenham acima de todas as demais atividades que desenvolvem e a estimem como ela é – o principal meio de graça dado por Deus para abençoar a Sua Igreja. Mais do que nunca, o exemplo dos apóstolos deve ser seguido: “E, quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra” (At 6.4). Para honra e glória do Senhor Deus e para a edificação do Corpo de Cristo. Amém.

*Soli Deo Gloria.*

<sup>226</sup>MACARTHUR. *Redescobrimo o Ministério Pastoral*. P. 290.

<sup>227</sup>SPURGEON. *Lições aos Meus Alunos Vol. II*. P. 88.

<sup>228</sup>STRANGE. “*Especiallly the Preaching*”. Minha tradução.

## BIBLIOGRAFIA

- A Contemporaneidade na Pregação dos Reformadores*. Encontrado em: <http://www.pregaa-palavra.com.br/dissertacao/reformadores.htm>.
- ANGLADA, Paulo. *A Importância da Pregação Reformada. Os Puritanos*. Os Puritanos. ano 7, n. 4, out./dez., 1999.
- \_\_\_\_\_. *Introdução à Pregação Reformada – Uma Investigação Histórica Sobre o Modelo Bíblico-Reformado de Pregação*. Ananindeua/PA: Knox Publicações, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Sola Scriptura. A doutrina reformada das Escrituras*. São Paulo/SP: Os Puritanos, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Vox Dei – A Teologia Reformada da Pregação. Fides Reformata* v. 4 n. 1, jan./jun., 1999, p. 145-168.
- ARMSTRONG, John. *O Ministério Pastoral Segundo a Bíblia*. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2007.
- BARTH, Karl. *A Proclamação do Evangelho: Homilética*. São Paulo/SP: Novo Século, 2000.
- BAVINCK, Herman. *Dogmática Reformada*. Volume 4: Espírito Santo, igreja e nova criação. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2012.
- BAXTER, Richard. *O Pastor Aprovado*. Modelo de ministério e crescimento pessoal. São Paulo/SP: PES, 2016.
- BEEKE, Joel R. *Pregação Reformada*. Proclamando a Palavra de Deus do coração do pregador para o coração do povo de Deus. São José dos Campos/SP: Fiel, 2019.
- BEEKE, Joel R., JONES, Mark. *Teologia Puritana: Doutrina para a vida*. São Paulo/SP: Vida Nova, 2016.
- BEEKE, Joel R. *Vivendo Para a Glória de Deus*. Uma introdução à fé reformada. São José dos Campos/SP: Fiel, 2016.
- BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. Campinas/SP: Luz Para o Caminho, 1990.
- BOICE, James Montgomery e SASSE, Benjamin. *Reforma Hoje – Uma convocação feita pelos evangélicos confessionais*. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 1999.
- BONAR, Horatius. *Um Recado Para Ganhadores de Almas*. 2ª ed. São Paulo/SP: Vida Nova, 2003.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 8ª edição. São Leopoldo/RS: Sinodal, 2004.
- BOOR, Werner de. *Carta aos Coríntios*. Comentário Esperança. Curitiba/PR: Editora Evangélica Esperança, 2004.
- BROADUS, John. *Sobre a Preparação e a Entrega de Sermões*. São Paulo/SP: Custom, 2003.
- BROOKS, Phillips. *Eight Lectures on Preaching*. 5ª ed. London: SPCK, 1959.
- CAEMMERER, Richard R. *Pregando em Nome da Igreja*. Teologia e técnica da pregação cristã. Porto Alegre/RS: Concórdia, 2002.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. Uma história da Igreja Cristã. 2ª Edição. São Paulo/SP: Vida Nova, 1995.
- CALVIN, John. *Calvin's Bible Commentaries – Commentary On the Prophet Isaiah, vol. 2*. Em: *The John Calvin Collection*. AGES Software • Albany, OR USA Version 1.0 © 1998.
- CALVINO, João. *A Verdadeira Vida Cristã*. São Paulo/SP: Novo Século, 2000.
- \_\_\_\_\_. *As Institutas, ou Tratado da Religião Cristã*. Volume 3. São Paulo/SP: Casa Editora Presbiteriana, 1989.
- \_\_\_\_\_. *As Institutas, ou Tratado da Religião Cristã, Vol. IV*. São Paulo/SP: Casa Editora Presbiteriana, 1989.
- \_\_\_\_\_. *As Institutas, ou Tratado da Religião Cristã Vol. IV*. Edição especial com notas para estudo e pesquisa. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2006.
- \_\_\_\_\_. *As Pastorais*. São Paulo/SP: Paracletos, 1998.

- CHAPELL, Bryan. *O Sermão Cristocêntrico*. Modelos para a pregação redentiva. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Pregação Cristocêntrica*. Restaurando o sermão expositivo, um guia prático e teológico para a pregação bíblica. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2002.
- CHESTER, Tim, HONEYSETT, Marcus. *Pregação Centrada no Evangelho*. Para pregar e dirigir estudos bíblicos como Deus quer. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2017.
- Confissão de Fé e Catecismo Maior da Igreja Presbiteriana*. 7ª ed. São Paulo/SP: Casa Editora Presbiteriana, 1980.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. *A Inspiração e a Inerrância das Escrituras*. Uma Perspectiva Reformada. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Reforma e a Escritura*. Calvino como leitor, intérprete e pregador da Palavra. Goiânia/GO: Editora Cruz. 2017.
- DIXHOORN, Chad Van. *Guia de Estudos Confissão de Fé de Westminster*. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2017.
- DOUGLAS, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. Edição em 1 Volume. 2ª ed. São Paulo/SP: São Paulo/SP: Vida Nova. 1995.
- EBY, David. *Pregação Poderosa Para o Crescimento da Igreja*. O Papel da Pregação em Igrejas em Crescimento. São Paulo/SP: Candeia. 2001.
- EDWARDS, Jonathan. *Pecadores Nas Mãos de um Deus Irado*. São Paulo/SP: PES. 2012.
- ELWELL, Walter A. *Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã*. Em 1 volume. São Paulo/SP: Vida Nova. 2009.
- FERREIRA, Wilson de Castro. *Calvino: Vida, Influência e Teologia*. Campinas/SP: Luz Para o Caminho. 1990.
- FESKO, J. V. Preaching as a means of grace and the doctrine of sanctification: A Reformed perspective. *American Theological Inquiry*, 3 n, 1, 15 jan 2010, p. 35-54. Disponível em: <https://web.p.ebscohost.com/ehost/pdfviewer/pdfviewer?vid=2&sid=a512f099-9de7-4ceb-9032-f0d9503605e2%40redis>.
- GOLDSWORTHY, Graeme. *Pregando Toda Bíblia Como Escritura Cristã*. A aplicação da teologia bíblica à pregação expositiva. São José dos Campos/SP: Fiel. 2013.
- GONZÁLEZ, Justo L. *E Até aos Confins da Terra: Uma História Ilustrada do Cristianismo*. Volume 6. A era dos reformadores. São Paulo/SP: Vida Nova. 1983.
- GREIDANUS, Sidney. *O Pregador Contemporâneo e o Texto Antigo*. Interpretando e pregando literatura bíblica. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2006.
- GRONINGEN, Gerard van. *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. Campinas/SP: Luz Para o Caminho. 1995.
- HANKO. Rev. Ronald. *Calvino, o Pregador*. Disponível em: [http://www.monergismo.com/textos/pregacao/calvino\\_pregador\\_hanko.htm](http://www.monergismo.com/textos/pregacao/calvino_pregador_hanko.htm).
- HENRY, Matthew. *Comentário Bíblico de Matthew Henry*. Rio de Janeiro/RJ: CPAD. 2002.
- Hinário Novo Cântico*. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 1999.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo/SP: Hagnos, 2001.
- HOEKEMA, Anthony. *Salvos Pela Graça*. A Doutrina Bíblica da Salvação. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 1997.
- JANSE, J. C. *La Confesión de la Iglesia – Comentario al Catecismo de Heidelberg*. 3º ed. Barcelona: FELIRE. 2000.
- JUNGHANS. Helmar. *Temas da Teologia de Lutero*. São Leopoldo/RS: Sinodal. 2001.
- KELLER, Timothy. *Igreja Centrada*. Desenvolvendo em sua cidade um ministério equilibrado e centrado no Evangelho. São Paulo/SP: Vida Nova. 2014.
- \_\_\_\_\_. *Pregação*. Comunicando a fé na era do ceticismo. São Paulo/SP: Vida Nova. 2017.

- LAWSON, Steven J. *A Arte Expositiva de João Calvino*. Um perfil de homens de Deus. São José dos Campos/SP: Fiel, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Foco Evangélico de Charles Spurgeon*. Um perfil de homens de Deus. São José dos Campos/SP: Fiel, 2017.
- \_\_\_\_\_. *O Zelo Evangélico de George Whitefield*. Um perfil de homens de Deus. São José dos Campos/SP: Fiel, 2014.
- LILLBACK, Peter. *O Calvinismo na Prática*. Uma introdução à herança reformada e presbiteriana. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2011.
- LLOYD-JONES, D. Martyn. *Os Puritanos*. Suas origens e seus sucessores. São Paulo/SP: PES, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Pregação & Pregadores*. 5ª ed. São José dos Campos/SP: Fiel, 2001.
- LOPES, Augustus Nicodemus Gomes. *A Bíblia e Seus Intérpretes*. Uma breve história da interpretação. 2ª ed. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2007.
- LOPES, Hernandes Dias. *A Importância da Pregação Expositiva Para o Crescimento da Igreja*. São Paulo/SP: Candeia, 2004.
- LUTERO, Martinho. *Martinho Lutero: Obras Seleccionadas*. São Leopoldo/RS e Porto Alegre/RS: Sinodal e Concórdia, 1989.
- LUZ, Waldyr Carvalho. *John Knox: O Patriarca do Presbiterianismo*. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2001.
- MACARTHUR JR., John. *Com Vergonha do Evangelho – Quando a Igreja se torna como o mundo*. São José dos Campos/SP: Fiel, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Redescobrimo o Ministério Pastoral*. Moldando o ministério contemporâneo aos preceitos bíblicos. Rio de Janeiro/RJ: CPAD, 1998.
- MICHELÉN, Sugel. *Da Parte de Deus e na Presença de Deus*. Um guia para a pregação expositiva. São José dos Campos/SP: Fiel, 2018.
- MCKIM, Donald K. *Grandes Temas da Tradição Reformada*. São Paulo/SP: Pendão Real, 1998.
- MOHLER JR, R. Albert et al. *Apascenta o Meu Rebanho*. Um apaixonado apelo em favor da pregação. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2009.
- O Diretório de Culto de Westminster*. São Paulo/SP: Os Puritanos, 2000.
- PACKER, J. I. *A Evangelização e a Soberania de Deus*. Se Deus controla todas as coisas, por que evangelizar? São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Entre os Gigantes de Deus: Uma visão puritana da vida Cristã*. São José dos Campos/SP: Fiel, 1996.
- PARSONS, Burk. *João Calvino: Amor À Devoção, Doutrina e Glória de Deus*. São José dos Campos/SP: Fiel, 2010.
- PERKINS, William. *A Arte de Profetizar*. [S. l.]. [S. n.].
- PHILLIPS, Gary. Pregação – Um Ato de Adoração. *Os Puritanos*, ano 7, n. 4. out./dez., 1999.
- PIPA, Joseph. O Sermão Puritano que Transforma. *Os Puritanos*, ano 7, nº 4, out./dez., 1999.
- PIPER, John, MATHIS, David. *Com Calvino no Teatro de Deus*. A glória de Cristo e a vida diária. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2011.
- PIPER, John. *O lugar da pregação na adoração*. Disponível em <https://ministeriofiel.com.br/artigos/o-lugar-da-pregacao-na-adoracao/>.
- \_\_\_\_\_. *Supremacia de Deus na Pregação*. Teologia, estratégia e espiritualidade do ministério do púlpito. São Paulo/SP: Shedd Publicações, 2003.
- PRICE, J. M. *A Pedagogia de Jesus*. O Mestre por excelência. 4ª ed. Rio de Janeiro/RJ: JUERP, 1983.
- REID, W. Stanford. *Calvino e Sua Influência no Mundo Ocidental*. 2ª ed. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2014.

- ROBINSON, Haddon. CRAIG, Larson B. *A Arte e o Ofício da Pregação Bíblica*. Um manual abrangente para os comunicadores da atualidade. São Paulo/SP: Shedd Publicações. 2009.
- RYLE, J. C. *A Santificação II*. Em: *Jornal Os Puritanos*. São Paulo/SP: Os Puritanos. Ano IV, nº 4. Jul.-Ag. 1996.
- SANTOS, Valdeci da Silva. Considerações Sobre Púlpito e a Doutrina: Resgatando a Importância da Pregação Doutrinária. *Fides Reformata*, v. 8, n. 2, jul./dez., 2003.
- SHEDD, Russell Phillip. *Lei, Graça e Santificação*. São Paulo/SP: Vida Nova. 1990.
- SILVA, Severino Pedro da. *Homilética*. O pregador e o sermão. 11ª ed. Rio de Janeiro/RJ: CPAD. 2004.
- SINE, Tom. *O Lado Oculto da Globalização – Como defender-se dos valores da Nova Ordem Mundial*. São Paulo/SP: Mundo Cristão. 2001.
- SMITH, Oswald J. *O Homem que Deus Usa*. São Paulo/SP: Livraria dos Evangélicos. S/D.
- SPURGEON, C. H. *Lições aos Meus Alunos – Homilética e Teologia Pastoral, Vol. I*. São Paulo/SP: PES, 1980.
- \_\_\_\_\_. *Lições aos Meus Alunos – Homilética e Teologia Pastoral, Vol. II*. São Paulo/SP: PES, 1980.
- STOTT, John. *Eu Creio na Pregação*. São Paulo/SP: Vida, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O Perfil do Pregador*. São Paulo/SP e Recife/PE: SEPAL e SETE, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Ouçã o Espírito Ouçã o Mundo*. Como ser um cristão contemporâneo. São Paulo/SP: ABU. 1997
- STOWELL, Joseph M. *Pastoreando a Igreja – Liderança espiritual eficaz numa cultura em transformação*. São Paulo/SP: Vida, 2000.
- STRANGE, Alan D. “*Especially the Preaching*”. Disponível em: [https://opc.org/new\\_horizons/NH00/0005b.html](https://opc.org/new_horizons/NH00/0005b.html).
- STRECK, Edson E. *A Prédica ao Longo da História da Igreja*. Disponível em: [http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/939/911](http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/939/911).
- STRONG, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. Barueri/SP: Sociedade Bíblica do Brasil. 2002; em *Bíblia On Line Módulo Avançado – V. versão 3.00*.
- SWINDOLL, Charles R. *A Noiva de Cristo*. Renovando nossa paixão pela Igreja. São Paulo/SP: Vida, 1996.
- TENNEY, Merrill C. *Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã*. Volume 4 M-P. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2008.
- THOMAS, Derek. *A Visão Puritana das Escrituras*. Uma análise do capítulo de abertura da Confissão de Fé de Westminster. São Paulo/SP: Os Puritanos. 1998.
- TRUEMAN, Carl R. The Word as a Means of Grace. *The Southern Baptist Journal of Theology*, 19 n. 4 Wint, 2015.
- WATSON, Thomas. *A Fé Cristã*. Estudos baseados no Breve Catecismo de Westminster. São Paulo/SP: Cultura Cristã. 2009.
- WHITE, Peter. *O Pastor Mestre – Lições indispensáveis que um ministro da Palavra deve aprender*. São Paulo/SP: Cultura Cristã, 2003.